



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

HELENA GOUVEIA FRANCO

O drama do amor
em 1Cor 13

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor João Duarte Lourenço

Lisboa
2014

In Memoriam Luís Archer

Drama de amor

Uns olhos cinzentos olharam-me
com um olhar ferido

Um rosto
uns lábios roxos
um corpo encoberto
por cobertores sebentos
sobre cartões rasgados

O sem-abrigo pediu-me suavemente
um beijo
e estendeu o rosto
a sorrir

O sem-abrigo não quis nenhuma moeda
mas todo o meu afeto

No beijo
espalhei beijos por toda a humanidade
e soube quem era o meu próximo

Beijando
no beijo
senti-me irmã
e vivi o drama do *agape*

Agradecimentos

É com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível.

Gostaria antes de mais de agradecer ao Professor Doutor João Duarte Lourenço, orientador desta tese, pelo apoio, incentivo e disponibilidade demonstrada em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho e por me ter acompanhado passo-a-passo, ajudando-me a tornar possível levar por diante e concluir o projeto da tese.

Gostaria ainda de agradecer: ao Dr. Fernando Sampaio e ao Professor Doutor Jerónimo Trigo por me terem ajudado nos capítulos 3 e 4, no que diz respeito a autores e a obras a consultar, pelo apoio, bem como pelos comentários, sugestões e incentivo.

Por fim gostaria de agradecer, pelo apoio e incentivo incondicional, a todos os colegas de curso e a todos os meus amigos entre os quais ao Paulo Paiva pela indicação de uma técnica de concentração que me ajudou a elaborar este trabalho.

Índice

Abreviaturas	8
1. Abreviaturas Gerais	8
2. Abreviaturas dos Livros da Bíblia	8
Introdução	9
I. O estudo de 1Cor 13	11
1. Corinto: a cidade e a comunidade	11
2. A organização da sociedade de Corinto	12
3. A comunidade de Corinto	13
4. Os principais problemas da igreja de Corinto	14
4.1. Divisões na igreja	14
4.2. Carnalidade e imaturidade espiritual	15
4.3. Imoralidade sexual	15
4.4. Associação com crentes imorais	16
4.5. Litígio entre irmãos	16
4.6. Dissensões na Santa Ceia	16
4.7. Desordem nos cultos	17
5. Contexto de 1Cor 13	18
6. Texto bíblico e estrutura de 1Cor 13	19
6.1. Texto bíblico	19
6.2. Versículos 1-3: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos”	20
6.3. Versículos 4-7: “O <i>amor</i> resiste a todas as coisas”	22
6.4. Versículos 8-13: “O <i>amor</i> nunca deixa de existir”	24
7. Vocabulário de 1Cor 13	27
7.1. <i>Agape</i> : A palavra-chave	27
7.2. As outras palavras	27

II. A Teologia de 1Cor 13	31
Introdução	31
1. As linhas-força da mensagem de Paulo na sua Carta	31
1.1. As fações em Corinto (1Cor 1, 10 – 4, 21)	31
1.2. A loucura da Cruz e a sabedoria de Deus (1Cor 1, 18 – 3, 4)	32
1.3. Os pregadores, servidores dos mistérios de Deus, edificam a Igreja (1Cor 3, 5 – 4, 21)	32
1.4. Pertencer a Cristo (1Cor 5, 1 – 7,40)	33
1.4.1. Abandonar os comportamentos herdados do passado (1Cor 5, 1 – 6, 20)	33
1.4.2. Mulheres e homens em Corinto: vida sexual, casamento, celibato, viuvez (1Cor 7, 1-40)	34
1.5. Consciência e conhecimento, liberdade e <i>amor</i> (1Cor 8, 1 – 11, 1)	35
1.6. Três problemas respeitantes à assembleia cristã (1Cor 11, 2 – 14, 40)	35
1.6.1. A mulher e o homem diante do Senhor (1Cor 11, 2-16)	35
1.6.2. A ceia do Senhor e o <i>amor</i> mútuo (1Cor 11, 17-34)	36
1.6.3. Acerca do bom uso dos dons espirituais (carismas) (1Cor 12, 1 – 14, 39)	36
1.7. Cristo ressuscitado vencedor da morte (1Cor 15, 1-58)	37
1.8. As testemunhas do ressuscitado (1Cor 15, 5-9)	37
2. O <i>amor</i> nos escritos de Paulo	38
2.1. A terminologia específica de Paulo sobre o <i>amor</i>	38
2.2. O <i>amor</i> de Deus/Cristo por nós	38
2.3. O nosso <i>amor</i> por Deus/Cristo	38
2.4. O nosso <i>amor</i> pelos outros	39
2.4.1. A teologia do <i>amor</i>	39
2.4.2. As fontes do <i>amor</i>	39
2.4.3. A natureza do <i>amor</i>	39
3. A especificidade do <i>amor</i> em 1Cor 13	40
3.1. Versículos 1-3: A excelência do <i>amor</i>	40
3.2. Versículos 4-7: As qualidades do <i>amor</i>	41
3.3. Versículos 8-10: A perpetuidade do <i>amor</i>	41
3.4. Versículos 11-12: A maturidade e o <i>amor</i>	42
3.5. Versículo 13: A fé, a esperança e o <i>amor</i>	42

III. O amor: a questão antropológica	44
Introdução	44
1. Eu e Tu em diálogo	44
2. O mundo humano	45
3. O Tu de Deus, fundamento do Tu humano	47
4. O indivíduo e o seu Tu	47
5. A empatia	48
6. O homem em busca de sentido	49
7. A arte de amar	50
8. Ter-se <i>amor</i>	51
9. O desenvolvimento da pessoa	52
10. Conclusão	53
IV. O Amor como código de vivência cristã	54
Introdução	54
1. O <i>amor</i> , identidade de Jesus	55
2. O vocabulário paulino do <i>amor</i>	56
3. O <i>amor</i> em 1Cor	57
4. O <i>amor</i> em 1Cor 13	59
V. Conclusão	62
Bibliografia	67
1. Fontes	67
2. Obras	67

Abreviaturas

1. Abreviaturas Gerais

- a.C. antes de Cristo
- d.C. depois de Cristo
- A.T. Antigo Testamento
- N.T. Novo Testamento

2. Abreviaturas dos Livros da Bíblia

- Ex Exodo
- Dt Deutronómio
- Jr Jeremias
- Mt Mateus
- Mc Marcos
- Lc Lucas
- Jo João
- Act Actos dos Apóstolos
- Rm Carta de São Paulo aos Romanos
- 1Cor 1ª Carta de São Paulo aos Coríntios
- 2Cor 2ª Carta de São Paulo aos Coríntios
- Gl Carta de São Paulo aos Gálatas
- Ef Carta de São Paulo aos Efésios
- Fl Carta de São Paulo aos Filipenses
- Cl Carta de São Paulo aos Colossenses
- 1Ts 1ª Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
- 2Ts 2ª Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
- 1Tm 1ª Carta de São Paulo a Timóteo
- 2Tm 2ª Carta de São Paulo a Timóteo
- Tt Carta de São Paulo a Tito
- Flm Carta de São Paulo a Filémon
- Heb Carta de São Paulo aos Hebreus
- Tg Carta de São Tiago
- 1Jo 1ª Carta de São João
- Jd Carta de São Judas
- Ap Apocalipse

Introdução

Somos movidos pela mesma inquietude de Santo Agostinho que afirmava: “o meu coração anda inquieto, enquanto não repousa em Vós” (cf. *Confissões* 1, 1). Esta dissertação trata do drama do *amor*, tomando como referencia o contributo de Paulo, no capítulo 13 de 1Cor. Por isso, vem das profundezas do eu, e atinge a grandeza de Deus. O *amor* é ativo, como oportunamente iremos descrever, ao longo deste nosso trabalho. Elaborar esta dissertação é confiar na presença envolvente de Deus.

O ponto de partida desta dissertação é o *amor* de Deus que converge para o *amor* a Deus: “Deus é *amor*, e quem permanece no *amor* permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). Com estas palavras da primeira carta de São João, o Papa Bento XVI, na sua primeira Encíclica no início do seu Pontificado “Deus caritas est”, vem lembrar, com singular clareza, “o centro da fé cristã que Deus é *amor*: no seu Evangelho, João tinha expressado este acontecimento com as palavras seguintes: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer (...) tenha a vida eterna» (Jo 3, 16)”¹.

Corinto era uma cidade grega de grande importancia geográfica e comercial, onde havia os maiores contrastes sociais e culturais e era constituída por variadas raças e culturas. Corinto atraiu Paulo para a sua pregação e foi uma comunidade onde fundou uma igreja. A grande preocupação de Paulo consiste em levar o Evangelho, pregado no ambiente da Palestina, para o mundo greco-romano.

A cidade tinha cultos de origem diversa mas, acima de tudo, era a “cidade de Afrodite” e a sua veneração tinha a ver com rituais dominados pela imoralidade, bem como as diferentes correntes filosóficas da época, que não deixavam de influenciar a comunidade.

Paulo escreveu esta Carta para denunciar os abusos, divisões, escandalos e para responder a questões que lhe foram colocadas. A resposta de Paulo está marcada pela cultura de então mas continua atual. Está alicerçada nos princípios básicos da fé cristã e oferece-nos uma teologia aplicada ao concreto da vida cristã que justifica completamente o interesse e a atualidade desta Carta. Interpreta a vivencia cristã que radica na mensagem e no testemunho de Cristo, que eleva a um novo patamar o legado do Antigo Testamento.

Paulo apresenta este novo conceito cristão, dedicando ao *amor* todo o capítulo 13 que será objeto de desenvolvimento no presente trabalho.

¹ BENTO XVI, CARTA ENCÍCLICA DEUS CARITAS EST, introdução, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-

Para desenvolver o nosso trabalho, tomamos como ponto de partida o texto da versão grega do Novo Testamento Interlinear Grego-Portugues², e servimo-nos igualmente da tradução portuguesa da Bíblia, versão on-line³.

Começamos por traçar um quadro histórico e geográfico da cidade de Corinto, onde Paulo viveu durante 18 meses ocupado a trabalhar no ofício que exercia de “fabricante de tendas”, em casa de Áquila e Priscila, conforme Lucas no-lo descreve em Act 18, 11. Aos sábados, ensinava na sinagoga, anunciando a Boa-Nova de Cristo, e foi assim que a Comunidade de Corinto se formou e foi crescendo.

Nascida de uma realidade social complexa e controversa, esta comunidade será muito querida a Paulo, mas também será uma das comunidades que exigirá maior acompanhamento por parte de Paulo. É deste contexto que nos fala em 1Cor e, de modo muito especial, o capítulo 13. É um texto fundamental para o pensamento paulino e, de modo particular, para a questão do “*amor cristão*”: o que é e como deve ser vivido.

caritas-est_po.html, visualizado em 14.jul.2014 21:15

² Sociedade Bíblica do Brasil, 2004

³ <http://www.capuchinhos.org/biblia/>

I. O estudo de 1Cor 13

1. Corinto: a cidade e a comunidade

Corinto é uma cidade grega situada na extremidade nordeste do Peloponeso, a 8 km a sudoeste do istmo e do atual canal, a 10 km a oeste do porto de Cencris, no Golfo Sarónico.

Cidade do segundo milénio a. C., é datada de tempos históricos, tendo sido fundada provavelmente por Argos. O primeiro período de florescimento foi a época dos tiranos (610-514); houve outro nos tempos helenísticos, até à destruição da cidade pelos romanos, em 146 a.C.. Corinto foi refundada cem anos mais tarde (cerca de 46 a.C.) por Júlio César como colónia romana, tornando-se a capital da Província Romana de Acaia.

A cidade estava provida de dois portos, dos quais um, o Lecaion, à distancia de dois quilómetros e meio do mar Jónico, recebia os navios vindos de Itália; o outro, Cencreia, sobre o mar Egeu, a uma dezena de quilómetros, acolhia os navios vindos da Ásia. No mundo mediterraneo, era uma cidade cosmopolita marítima de grande importancia pelas suas trocas comerciais e culturais.



Fig. 1 Cidade de Corinto⁴

Logo depois da sua nova fundação, Corinto readquiriu a sua anterior prosperidade e o seu aspeto de grande cidade, com templos, basílicas, avenidas e mercados.

⁴ in <http://historiaebiblia.blogspot.pt/2010/08/de-corinto-ao-corinthians.html>, visualizado em 14.jul.2014 21:05

2. A organização da sociedade de Corinto

Na cidade de Corinto, havia os maiores contrastes sociais: de um lado, os operários e os escravos dos portos e empórios que formavam um proletariado turbulento, do outro, um pequeno número de proprietários. A corrupção moral de Corinto tornou-se emblemática no mundo antigo: uma rapariga “coríntia” era uma rapariga de vida duvidosa. Tal reputação provinha em grande parte da prostituição oficial no santuário de Afrodite no Acrocorinto.

No tempo de S. Paulo, séc. I d. C., estima-se que Corinto contasse com meio milhão de pessoas⁵, incluindo uma grande proporção de escravos. A língua mais falada era o grego, com a qual todos tinham de se familiarizar.

Corinto tinha acolhido cultos de origem diversa, venerando os deuses de Roma, da Grécia, como Poseidon, e divindades exóticas, como Isis. Mas, Corinto era, acima de tudo, a “cidade de Afrodite”, o que diz muito sobre a cidade. Entre os protegidos de Afrodite, contam-se marinheiros e artesãos. A veneração de Afrodite tinha a ver com rituais baseados na prática de sexo com prostitutas, geralmente escravas, considerado um meio de contato com a deusa.

O nome “Corinto” era o arquétipo de devassidão⁶. De facto, como diz J. Moffatt, “no tempo em que Paulo visitou Corinto, o esplendido templo de Afrodite⁷ ainda não tinha sido reerguido, mas o culto florescia à volta de docas e santuários”⁸.

Com a substituição da religiosidade matrifocal pela patriarcal, Afrodite passou a ser vista, cada vez mais, como uma deusa frívola e promíscua. Ao mesmo tempo, a cidade ia-se tornando notória pela sua luxúria e imoralidade. “Corinto foi a mais desregrada cidade na Grécia, e talvez a mais desregrada no Império”⁹.

A localização de Corinto favoreceu um notável desenvolvimento comercial, porque eram constantes as chegadas e partidas dos comerciantes. A cidade fervilhava de viajantes, que, por estarem de passagem, sentiam pouca ou nenhuma responsabilidade moral. Até mesmo os coríntios cristãos chegavam a ter uma atitude completamente amoral influenciados pelos costumes locais¹⁰. Parece ter havido uma distorção da frase do próprio S. Paulo: “Todas as coisas são legítimas”. Em 1Cor 10, 23, S. Paulo, por eles interpelado, esclarece-os: “«Tudo é permitido» mas nem tudo é conveniente. «Tudo é permitido», mas nem tudo edifica”.

⁵ Cf. W. G. H. SIMON, *The First Epistle to the Corinthians*, S C M Press, London, 1965, 20.

⁶ Cf. Archibald ROBERTSON e Alfred PLUMMER, *A Critical and Exegetical Commentary of St. Paul to the Corinthians*, 2ª ed, T & T Clark, Edinburg, 1950, XII.

⁷ O templo de Afrodite, deusa do amor e da fertilidade, estava situado numa colina chamada Acrocorinto, que se elevava a 152 metros acima da cidade.

⁸ James MOFFATT, *Paul to the Corinthians*, Camelot, London, 1951, xviii.

⁹ Archibald ROBERTSON e Alfred PLUMMER, *op. cit.*, XII.

¹⁰ Cf. W. G. H. SIMON, *op. cit.*, 22.

3. A comunidade de Corinto

Corinto atraiu Paulo e foi, na sua segunda viagem missionária que Paulo, vindo de Atenas (At 17, 32), fundou a igreja de Corinto, onde esteve durante dezoito meses, entre os anos 50 e 52. A igreja era constituída por variadas raças e culturas, mas com pouca gente bem-nascida, rica ou influente, antes por uma maioria de gente simples, artesões humildes, carregadores, estivadores, etc¹¹. Ao chegar à cidade, Paulo foi morar com Aquila e Priscila (At 18, 2), negociantes de tecidos que mantinham comércio em Corinto e Éfeso. Paulo começou a trabalhar com eles, fabricando cilício — um tecido grosso de pele de cabra. Paulo trabalhava toda a semana e aos sábados pregava na sinagoga. Com a chegada de Silas e Timóteo de Tessalónica, trazendo ajuda financeira principalmente dos filipenses (2Cor 11, 9; Fl 4, 15-16), foi possível a Paulo dedicar-se completamente à evangelização.

A adesão à evangelização de Paulo em Corinto levou os judeus a acusá-lo no tribunal do proconsul Galião (At 18, 12ss). Talvez o acusassem de pregar uma religião ilícita, “um culto contrário à lei”. Mas Galião não viu nenhum mal e deixou-o livre (At 18, 15). Paulo partiu depois em direção a Éfeso na companhia de Aquila e Priscila (At 18, 18).

Durante a sua estada em Éfeso, na 3ª viagem apostólica, Paulo escreveu uma carta aos Coríntios (1Cor 5, 9-13). Essa carta perdeu-se, ainda que alguns autores acreditem que uma parte da mesma estaria em 2Cor 6, 14 e 2Cor 7, 1. Algum tempo depois, enviou Timóteo a Corinto (1Cor 4, 17). Com base numa carta da própria comunidade, trazida por uma delegação da igreja de Corinto e, ao mesmo tempo, informado pelos da “casa de Cloé” sobre as desordens e divisões que existiam na comunidade, Paulo escreveu a 2ª Carta aos Coríntios, que é hoje, para nós, a 1ª Carta aos Coríntios. Paulo escreveu esta Carta para fazer face aos abusos, nomeadamente as divisões e os escândalos (1, 11) e para responder às questões que lhe foram colocadas (7, 1). Estas circunstâncias explicam o carácter não sistemático da Carta, com a única preocupação de enfrentar os desvios e resolver as dúvidas da comunidade.

Posteriormente, Paulo enviou Tito à comunidade de Corinto a fim de preparar a coleta para Jerusalém descrita em 1Cor 16, 1-4. No entanto, com a chegada de novos pregadores a situação tinha mudado na comunidade: a autoridade e a pregação de Paulo eram contestadas. Sabendo disso, Paulo decide ir pessoalmente a Corinto, onde foi contestado e ofendido pelos judaizantes, e não pela comunidade cristã. Paulo ficou muito pouco tempo em Corinto, voltando a Éfeso, onde escreveu a sua 3ª Carta conhecida como “Carta em lágrimas” (2Cor 2, 4). Essa carta também está perdida. Talvez em Filipos (Macedónia) Paulo tenha escrito a sua 4ª Carta aos Coríntios, que é para nós, atualmente, a 2ª Carta aos Coríntios.

¹¹ Cf. *Les Epîtres de Saint Paul aux Corinthiens* (traduites par le Chanoine E. Osty), 4ª ed., Cerf, Paris, 1964, p 11.

4. Os principais problemas da igreja de Corinto

Ao longo da Carta, apercebemo-nos que a comunidade de Corinto é viva e fervorosa, mas com as dificuldades resultantes do anúncio da mensagem cristã numa cultura diferente daquela onde tinha sido antes anunciada. Paulo procura esclarecer, mostrando-se firme ao condenar os comportamentos inconciliáveis com a boa-nova de Jesus Cristo, mas compreensivo quando a fé não corre perigo.

Para um melhor enquadramento de 1Cor 13, vamos expor aqui alguns dos problemas mais graves com que se debatia a comunidade de Corinto e aos quais Paulo responde, problemas que conhecemos do contexto social, económico e político da cidade. Fazemos a análise da comunidade, tomando os textos da Carta que nos mostram, de forma direta, toda a problemática da igreja.

4.1. Divisões na igreja

A questão das “divisões” na igreja de Corinto é um tema fulcral na Carta. Tomamos o texto que isso nos revela e nos fala da forma como Paulo aborda o assunto.

1Cor 1, 10-17 ¹⁰Παρακαλῶ δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τοῦ ὀνόματος τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ἵνα τὸ αὐτὸ λέγητε πάντες καὶ μὴ ἦ ἐν ὑμῖν σχίσματα, ἦτε δὲ κατηρτισμένοι ἐν τῷ αὐτῷ νοῦ καὶ ἐν τῇ αὐτῇ γνώμῃ. ¹¹Ἐδηλώθη γάρ μοι περὶ ὑμῶν, ἀδελφοί μου, ὑπὸ τῶν Χλόης ὅτι ἕριδες ἐν ὑμῖν εἰσιν. ¹²λέγω δὲ τοῦτο ὅτι ἕκαστος ὑμῶν λέγει· ἐγὼ μὲν εἶμι Παύλου, ἐγὼ δὲ Ἀπολλῶ, ἐγὼ δὲ Κηφᾶ, ἐγὼ δὲ Χριστοῦ. ¹³μεμέρισται ὁ Χριστός; μὴ Παῦλος ἐσταυρώθη ὑπὲρ ὑμῶν, ἢ εἰς τὸ ὄνομα Παύλου ἐβαπτίσθητε; ¹⁴εὐχαριστῶ [τῷ θεῷ] ὅτι οὐδένα ὑμῶν ἐβάπτισα εἰ μὴ Κρίσπον καὶ Γάϊον, ¹⁵ἵνα μὴ τις εἶπη ὅτι εἰς τὸ ἐμὸν ὄνομα ἐβαπτίσθητε. ¹⁶ἐβάπτισα δὲ καὶ τὸν Στεφανᾶ οἶκον, λοιπὸν οὐκ οἶδα εἴ τινα ἄλλον ἐβάπτισα. ¹⁷οὐ γὰρ ἀπέστειλέν με Χριστὸς βαπτίζειν ἀλλὰ εὐαγγελίζεσθαι, οὐκ ἐν σοφίᾳ λόγου, ἵνα μὴ κενωθῇ ὁ σταυρὸς τοῦ Χριστοῦ.

1Cor 1, 10-17 ¹⁰Peço-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estejais todos de acordo e que não haja divisões entre vós; permaneçei unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento. ¹¹Pois, meus irmãos, fui informado pelos da casa de Cloé, que há discórdias entre vós. ¹²Refiro-me ao facto de cada um dizer: «Eu sou de Paulo», ou «Eu sou de Apolo», ou «Eu sou de Cefas», ou «Eu sou de Cristo». ¹³Estará Cristo dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Ou fostes baptizados em nome de Paulo? ¹⁴Dou graças a Deus por não ter baptizado nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, ¹⁵para que ninguém diga que fostes baptizados em meu nome. ¹⁶Baptizei também a família de Estéfanos, mas, além destes, não sei se baptizei mais alguém. ¹⁷Na verdade, Cristo não me enviou a baptizar, mas a pregar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não esvaziar da sua eficácia a cruz de Cristo.

- Paulo mostra que é Jesus quem é merecedor de toda a honra e glória e não quem O anuncia, ou quem batiza em nome d'Ele, dizendo que ele próprio foi “enviado a pregar o Evangelho”, assumindo-se como o “menor dos apóstolos” como escreve mais à frente nesta Carta (1Cor 15, 9). Importa referir que se formaram quatro fações dentro da igreja: “os de Paulo”, “os de Apolo”, “os de Céfas” (Pedro em Aramaico) e “os de Cristo”, também chamados “espirituais”. “Os de Cristo” eram os que causavam mais problemas, uma vez que se sentiam superiores aos outros cristãos coríntios.

4.2. Carnalidade e imaturidade espiritual

1Cor 3, 1-3 ¹Κἀγώ, ἀδελφοί, οὐκ ἠδυνήθην λαλῆσαι ὑμῖν ὡς πνευματικοῖς ἀλλ' ὡς σαρκίνοις, ὡς νηπίοις ἐν Χριστῷ. ²γάλα ὑμᾶς ἐπότισα, οὐ βρώμα· οὐπω γὰρ ἐδύνασθε. ἀλλ' οὐδὲ ἔτι νῦν δύνασθε, ³ἔτι γὰρ σαρκικοί ἐστε. ὅπου γὰρ ἐν ὑμῖν ζῆλος καὶ ἔρις, οὐχὶ σαρκικοί ἐστε καὶ κατὰ ἄνθρωπον περιπατεῖτε;

1Cor 3, 1-3 ¹Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a simples homens espirituais, mas como a homens carnis, como a criancinhas em Cristo. ²Foi leite que vos dei a beber e não alimento sólido, que ainda não podíeis suportar. Nem mesmo agora podeis, visto que sois ainda carnis. ³Pois se há entre vós rivalidades e contendas, não é porque sois carnis e procedeis de modo meramente humano?

- Vemos Paulo tratar os cristãos coríntios como meninos na fé, sem maturidade, estando subjacente um lamento por não os poder tratar com mais profundidade. De notar que as influencias culturais da cidade estavam a prejudicar a comunidade: a idolatria, imoralidade, corrupção e as diferentes correntes filosóficas da época. Até mesmo os cultos eram influenciados pelos costumes pagãos. O homem carnal/material é o crente sem a influencia do Espírito Santo: a sua vida torna-se identica à do homem natural, sendo o pecado visto com naturalidade.

4.3. Imoralidade sexual

1Cor 5, 1 1 ¹Ὅλως ἀκούεται ἐν ὑμῖν πορνεία, καὶ τοιαύτη πορνεία ἣτις οὐδὲ ἐν τοῖς ἔθνεσιν, ὥστε γυναικῆ τινὰ τοῦ πατρὸς ἔχειν.

1Cor 5, 1 ¹Ouve-se dizer por toda a parte que existe entre vós um caso de imoralidade, e uma imoralidade como não se encontra nem mesmo entre os pagãos: um de vós vive com a mulher de seu pai.

- Paulo denuncia um caso dentro da comunidade afirmando que, se nem pagãos cometiam esse tipo de imoralidades, tal deveria ser para a comunidade motivo de constrangimento e não permissividade. A abordagem sexual deturpava o conceito de *amor*.

O *amor* possuía uma conotação principalmente sexual ligada ao conceito de “erotismo”, dentro do contexto grego. Paulo apresenta o novo conceito cristão, dedicando ao *amor* todo o capítulo 13.

4.4. Associação com crentes imorais

1Cor 5, 11 ¹¹ὄν δὲ ἔγραψα ὑμῖν μὴ συναναμίγνυσθαι ἐάν τις ἀδελφὸς ὀνομαζόμενος ἢ πόρνος ἢ πλεονέκτης ἢ εἰδωλολάτρης ἢ λοῖδορος ἢ μέθυσος ἢ ἄρπαξ, τῷ τοιούτῳ μηδὲ συνεσθίειν.

1Cor 5, 11 ¹¹Não. Escrevi que não devíeis associar-vos com quem, dizendo-se irmão, fosse devasso, avarento, idolátra, caluniador, beberrão ou ladrão. Com estes, nem sequer deveis comer.

- Vemos como Paulo advertiu os coríntios cristãos para que não convivessem com quem continuasse agarrado a antigos costumes, mesmo que se dissessem irmãos, incluindo o ato de sentar-se à mesa com eles, que já era considerado na época o sinal de maior comunhão e fraternidade. Paulo realça aqui, mais uma vez, a importância do testemunho que cada cristão, como seguidor de Jesus Cristo, é convidado a dar.

4.5. Litígio entre irmãos

1Cor 6, 5 ⁵πρὸς ἐντροπὴν ὑμῖν λέγω. οὕτως οὐκ ἔνι ἐν ὑμῖν οὐδεὶς σοφός, ὃς δυνήσεται διακρῖναι ἀνὰ μέσον τοῦ ἀδελφοῦ αὐτοῦ;

1Cor 6, 5 ⁵Digo isto para vossa vergonha. Não haverá, entre vós, ninguém suficientemente sábio para poder julgar entre irmãos?

— Paulo interpela os cristãos sobre disputas na comunidade que recorriam aos tribunais pagãos e questiona sobre o absurdo dessas contendas entre irmãos dando assim mau testemunho aos não crentes, referindo que, a existirem, deveriam ser mediadas por um membro da comunidade.

4.6. Dissensões na Santa Ceia

1Cor 11, 20-22 ²⁰Συνερχομένων οὖν ὑμῶν ἐπὶ τὸ αὐτὸ οὐκ ἔστιν κυριακὸν δεῖπνον φαγεῖν. ²¹ἕκαστος γὰρ τὸ ἴδιον δεῖπνον προλαμβάνει ἐν τῷ φαγεῖν, καὶ ὃς μὲν πεινᾷ ὃς δὲ μεθύει. ²²μὴ γὰρ οἰκίας οὐκ ἔχετε εἰς τὸ ἐσθίειν καὶ πίνειν; ἢ τῆς ἐκκλησίας τοῦ θεοῦ καταφρονεῖτε, καὶ καταισχύνετε τοὺς μὴ ἔχοντας; τί εἶπω ὑμῖν; ἐπαινέσω ὑμᾶς; ἐν τούτῳ οὐκ ἐπαινώ.

1Cor 11, 20-22 ²⁰Quando, pois, vos reunis, não é a Ceia do Senhor que comeis, ²¹pois cada um se apressa a tomar a sua própria ceia; e enquanto um passa fome, outro fica

embriagado. ²¹Porventura não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Que vos direi? Hei-de louvar-vos? Nisto, não vos louvo.

— Paulo denuncia os excessos. Para Paulo, a Santa Ceia não podia assemelhar-se às reuniões dos templos pagãos, pelo que a reverência, a comunhão, a partilha, a ordem e a santidade tinham de sobressair. De notar que o cristão não deveria perguntar nada sobre a origem da carne, mas, caso lhe fosse dito que era proveniente de um sacrifício aos ídolos, deveria rejeitá-la para deixar bem claro que não participava na idolatria.

4.7. Desordem nos cultos

1Cor 14, 27. 28. 31. 40 ²⁷εἴτε γλώσση τις λαλεῖ, κατὰ δύο ἢ τὸ πλεῖστον τρεῖς καὶ ἀνὰ μέρος, καὶ εἰς διερμηνευέτω· ²⁸εἰ μὴ ἡ διερμηνευτής, σιγάτω ἐν ἐκκλησίᾳ, ἑαυτῷ δὲ λαλείτω καὶ τῷ θεῷ. ³¹δύνασθε γὰρ καθ' ἕνα πάντες προφητεύειν, ἵνα πάντες μαυθάνωσιν καὶ πάντες παρακαλῶνται. ⁴⁰πάντα δὲ εὐσχημόνως καὶ κατὰ τάξιν γινέσθω.

1Cor 14, 27. 28. 31. 40 ²⁷Se se fala em línguas, que não sejam mais que dois ou no máximo três, cada um por sua vez, e que um as interprete. ²⁸Se não houver intérprete, fiquem calados na assembleia e falem consigo mesmos e com Deus. ³¹Todos podeis profetizar, mas um após outro, para que todos sejam instruídos e exortados. ⁴⁰Mas que tudo se faça com decoro e ordem.

- Paulo procurou estabelecer princípios que regulamentassem as reuniões da comunidade, por exemplo, evitar que um “sem-número” de oradores falassem de modo a se evidenciar na comunidade. Esta determinação de Paulo parece encontrar a sua razão de ser nas práticas culturais comuns em outras reuniões sociais e em outros cultos que se realizavam em Corinto.

Neste conjunto de textos, e partindo do testemunho da própria Carta 1Cor, podemos constatar como a vida da comunidade, bem como a sua situação social era complexa, marcada por aquilo que eram os vícios e a desordem social reinante em Corinto.

5. Contexto de 1Cor 13

A partir da perspectiva de G. D. Fee, a situação histórica subjacente a 1Cor é essencialmente de conflito entre Paulo e a igreja como um todo, e nela a rejeição dos coríntios à autoridade de Paulo como fundador da igreja é percebida como estando no amago dos seus problemas¹². Os argumentos paulinos baseiam-se na sua autoridade paternal e no modo de vida apostólico de Paulo que era tido em muita consideração. A abordagem paulina é orientadora e há, em 1Cor 8, 10, o chamamento a imitá-lo. Paulo tem autoridade apostólica para questionar o comportamento dos coríntios. Os problemas abordados em 1Cor não são tensões entre a igreja e Paulo, mas estão, fundamentalmente, no modo de vida, comportamento e testemunho cristão da comunidade.

Tendo passado 18 meses em Corinto, durante a sua 2ª viagem missionária, Paulo é um verdadeiro conhecedor e analista de Corinto aí e fundou uma igreja. A obra de Paulo em Corinto durante este tempo está relatada em At 18, com bastante detalhe. Paulo escreve a 1ª Carta aos Coríntios para responder aos problemas existentes na igreja de Corinto, segundo o informara a gente de Cloé (1Cor 1, 11). Nesta Carta, Paulo responde a estes problemas por meio do ensino apostólico com a única preocupação de enfrentar as necessidades e resolver as dúvidas da comunidade.

Nos capítulos 8-10, Paulo trata o tema de comer alimentos que tinham sido sacrificados aos ídolos, evitando que o simples ato de se alimentar pudesse ser interpretado como adesão a rituais pagãos.

No capítulo 11, versa temas relacionados com a participação no culto, cobrir a cabeça (vv. 2-16) e outros abusos relacionados com a Ceia do Senhor (vv. 17) tais como a falta de partilha na refeição entre os que tinham comida e os que não a tinham, com desprezo em relação à igreja, humilhando os necessitados.

Nos capítulos 12-14, Paulo dedica-se ao tema dos dons espirituais. Em vez de celebrar os dons concedidos a cada um deles, os cristãos coríntios sentiam orgulho nos seus próprios dons, desprezando os dons dos demais. Assim, os dons espirituais tinham-se tornado uma fonte de divisão entre eles. Através da imagem do corpo humano, demonstra que todos são importantes (1Cor 12, 12-31).

Paulo conclui o capítulo 12 afirmando, “mas, mostrar-lhes-ei um caminho mais excelente” (1Cor 12, 31b) — palavras que introduzem o que nos vai dizer acerca do *amor* no capítulo 13.

¹² Cf. Gerald F. HAWTHORNE, Ralph P. MARTIN e Daniel G. REID, *Dicionário de Paulo e suas Cartas*, Vida Nova, Paulus e Edições Loyola, São Paulo, 2008, 282.

6. Texto bíblico e estrutura de 1Cor 13

Neste capítulo 13 Paulo vai, sucessivamente, descrevendo os diversos dons que eram motivo de orgulho para os coríntios, enumerando-os sucessivamente por grau de importância crescente para concluir que o *amor* está acima, é único e eterno. Para desenvolver esta seção seguimos o texto grego do Novo Testamento Interlinear Grego-Português¹³ e o texto português da Bíblia online¹⁴.

6.1 Texto bíblico

¹Ἐὰν ταῖς γλώσσαις τῶν ἀνθρώπων
λαλῶ καὶ τῶν ἀγγέλων, ἀγάπην δὲ
μὴ ἔχω, γέγονα χαλκὸς ἤχων ἢ
κύμβαλον ἀλαλάζον.

²καὶ ἐὰν ἔχω προφητείαν καὶ εἰδῶ
τὰ μυστήρια πάντα καὶ πᾶσαν τὴν
γνώσιν καὶ ἐὰν ἔχω πᾶσαν
τὴν πίστιν ὥστε ὄρη μεθιστάναι,
ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐθέν εἰμι.

³κἂν ψωμίσω πάντα τὰ ὑπάρχοντά
μου καὶ ἐὰν παραδῶ τὸ σῶμά μου
ἵνα καυχήσωμαι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω,
οὐδὲν ὠφελοῦμαι.

⁴Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται
ἡ ἀγάπη, οὐ ζηλοῖ, [ἡ ἀγάπη] οὐ
περπερεύεται, οὐ φυσιοῦται,

⁵οὐκ ἀσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς,
οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ
κακόν,

⁶οὐ χαίρει ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συγχαίρει
δὲ τῇ ἀληθείᾳ·

⁷πάντα στέγει, πάντα πιστεύει,
πάντα ἐλπίζει, πάντα ὑπομένει.

⁸Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει· εἴτε δὲ
προφητεῖαι, καταργηθήσονται· εἴτε

¹Ainda que eu fale as línguas dos
homens e dos anjos, se não tiver amor,
sou como um bronze que soa ou um
címbalo que retine.

²Ainda que eu tenha o dom da profecia e
conheça todos os mistérios e toda a
ciência, ainda que eu tenha tão grande fé
que transporte montanhas, se não tiver
amor, nada sou.

³Ainda que eu distribua todos os meus
bens e entregue o meu corpo para ser
queimado, se não tiver amor, de nada me
aproveita.

⁴O amor é paciente, o amor é prestável,
não é invejoso, não é arrogante nem
orgulhoso,

⁵nada faz de inconveniente, não procura
o seu próprio interesse, não se irrita nem
guarda ressentimento.

⁶Não se alegra com a injustiça, mas
rejubila com a verdade.

⁷Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera,
tudo suporta.

⁸O amor jamais passará.

As profecias terão o seu fim, o dom das

¹³ Sociedade Bíblica do Brasil, 2004

¹⁴ <http://www.capuchinhos.org/biblia/>

γλώσσαι, παύσονται· εἴτε γνώσις,
καταργηθήσεται.

⁹Ἐκ μέρους γὰρ γινώσκομεν καὶ ἐκ
μέρους προφητεύομεν·

¹⁰Ὅταν δὲ ἔλθῃ τὸ τέλειον, τὸ ἐκ
μέρους καταργηθήσεται.

¹¹Ὅτε ἦμην νήπιος, ἐλάλουν ὡς
νήπιος, ἐφρόνουν ὡς νήπιος,
ἐλογιζόμην ὡς νήπιος· ὅτε γέγονα
ἀνήρ,κατήργηκα τὰ τοῦ νηπίου.

¹²βλέπομεν γὰρ ἄρτι δι' ἐσόπτρου
ἐν αἰνίγματι, τότε δὲ πρόσωπον
πρὸς πρόσωπον· ἄρτι γινώσκω
ἐκ μέρους, τότε δὲ ἐπιγνώσομαι
καθὼς καὶ ἐπεγνώσθην.

¹³Νυνὶ δὲ μένει πίστις,
ἐλπίς, ἀγάπη, τὰ τρία ταῦτα·
μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.

línguas terminará e a ciencia vai ser
inútil.

⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito
e também imperfeita é a nossa profecia.

¹⁰Mas, quando vier o que é perfeito, o
que é imperfeito desaparecerá.

¹¹Quando eu era criança, falava como
criança, pensava como criança,
raciocinava como criança. Mas, quando
me tornei homem, deixei o que era
próprio de criança.

¹²Agora, vemos como num espelho, de
maneira confusa; depois, veremos face a
face. Agora, conheço de modo
imperfeito; depois, conhecerei como sou
conhecido.

¹³Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.

6.2. Versículos 1-3: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos”

1Cor 13, 1-3 ¹Ἐὰν ταῖς γλώσσαις τῶν ἀνθρώπων λαλῶ καὶ τῶν ἀγγέλων,
ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, γέγονα χαλκὸς ἢ ἠχῶν ἢ κύμβαλον ἀλαλάζον. ²καὶ ἐὰν ἔχω
προφητείαν καὶ εἰδῶ τὰ μυστήρια πάντα καὶ πᾶσαν τὴν γνῶσιν καὶ ἐὰν ἔχω πᾶσαν τὴν
πίστιν ὥστε ὄρη μεθιστάναι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐθέν εἰμι. ³κἂν ψωμίσω πάντα τὰ
ὑπάρχοντά μου καὶ ἐὰν παραδῶ τὸ σῶμά μου ἵνα καυχῆσμαι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐδὲν
ώφελοῦμαι.

1Cor 13, 1-3 ¹Ainda que eu fale as línguas dos homens (grego: ἀνθρώπος
anthropos homens, humanos) e dos anjos, se não tiver *amor* (grego: ἀγάπη),sou como
um bronze que soa (grego: χαλκὸς ἢ ἠχῶν *chalkos echon*) ou címbalo que retine. ²Ainda
que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que
eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver *amor* (grego: ἀγάπη *agape*
— *amor*), nada sou. ³Ainda que eu distribua (grego: ψωμίσω *psomiso*) todos os meus
bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver *amor* (grego: ἀγάπη *agape*
— *amor*), de nada me aproveita.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos” (v. 1a). Nesta 1ª Carta aos Coríntios, Paulo dedica-se a temas relacionados com o dom das línguas (1Cor 12, 10, 28 e 30; 1Cor 13, 1; 1Cor 14, 2 e 4-25). Numa cidade portuária fortemente dependente do comércio onde se cruzam diversos povos, o dom de falar línguas de diferentes povos era para os coríntios o dom mais elevado e disso sentiam orgulho. Se adicionalmente pudessem falar a língua dos Anjos seria então o expoente máximo.

“se não tiver amor” (*agape amor*) (v. 1b). A língua grega utiliza três palavras diferentes para "amor" *eros*, *philos*, e *agape*. *Eros* não se utiliza no Novo Testamento. *Philos* e sua forma verbal, *phileo*, aparecem 55 vezes no Novo Testamento, e usam-se para expressar o afeto que uma pessoa sente por outra (Mt 10, 37; Lc 14, 12; Jo 11 3, 11) e o *amor* de Deus pelo seu povo (Jo 16, 27) — apesar disto, *agape* e *agapao* usam-se mais frequentemente para referir-se ao *amor* de Deus.

Agape e a sua forma verbal *agapao* aparecem 253 vezes no Novo Testamento. Utilizam-se para falar do *amor* que Deus tem pelo seu povo (Rm 5, 8; 1 Jo 4, 8) e para o *amor* que uma pessoa sente por outra (1Cor 13). Quando Jesus diz que os dois mandamentos mais importantes são “ama o Senhor teu Deus” e “ama o teu próximo como a ti mesmo”, utiliza o verbo *agapao* em lugar de *phileo*¹⁵ tal como na última ceia quando diz que “ninguém tem maior *amor* do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15, 13) No seu grande capítulo do *amor* (1Cor 13), Paulo usa *agape* exclusivamente.

“sou como um bronze que soa (χαλκὸς ἠχῶν *chalkos echon*), ou címbalo que retine” (v. 1c). Paulo diz que falar línguas, sem *amor*, só faz ruído. Ainda que um grande ruído possa ter algum propósito, o ruído alto e constante só incomoda.

“Ainda que eu tenha o dom da profecia” (v. 2a). Embora Paulo considere o dom da profecia como um dom superior ao dom de falar línguas diferentes (1Cor 14, 1-5) — mas profecia sem *amor* não tem valor e também não é atribuído valor ao profeta.

“e conheça todos os mistérios e toda a ciencia” (v. 2b). Lembramos que Corinto é uma cidade grega e que os gregos elegem a filosofia, a ciencia, a sabedoria e os mistérios como temas de discussão nas suas reuniões sociais. Aqui, os mistérios têm a ver com os segredos que Deus quis revelar-nos. A sabedoria (ciencia) tem a ver com o conhecimento que Deus concede — um entendimento espiritual. Esse tipo de sabedoria é um grande dom, mas pode ter a tendencia de “encher” (*physioi* — encher de orgulho) a pessoa que a possui (8, 1) — como se passou com estes cristãos coríntios. Ainda que a sabedoria no serviço aos outros possa ser boa, os que utilizam a sabedoria apenas para marcar a sua superioridade ou domínio

¹⁵ Cf. Mt 22, 36-39; Mc 12, 29-31; Lc 10, 27; Jo 13, 34-35

sobre os outros não atuam segundo a vontade de Deus. Se estas virtudes carecem de *amor*, não transmitem nenhum valor ao que os domina. É de referir que Paulo usa três vezes a palavra “todos” — “todos os mistérios e toda a ciencia..., toda a fé.”

“ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas” (v. 2c). Esta expressão é de Jesus, que disse, “Tende fé em Deus. Porque vos digo que qualquer um que disser a este monte: Lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que será feito o que disse, o que disser será feito” (Mc 11, 22-23). Que poder tão maravilhoso baseado na fé. De qualquer modo, se a fé carece de *amor* não beneficia nada ao que a tenha.

“se não tiver *amor* (ἀγάπην *agape* — *amor*), nada sou” (v. 2d). Paulo diz que, sem *amor*, nenhuma destas coisas — o entender os mistérios, a sabedoria, ou até uma fé poderosa — tem valor. Lembramos que Paulo não está a falar de qualquer tipo de *amor*. Fala de ἀγάπην *agape*, que coloca o outro no centro e se preocupa pelo seu bem-estar e atua em sua razão de ser. Se não tivermos *amor* ativo e generoso, não somos nada.

“Ainda que eu distribua (ψωμίσω *psomiso*) todos os meus bens” (v. 3a). Numa sociedade onde possuir bens materiais era muito importante e vivia muitas vezes com o objetivo de aumentar ainda mais a sua riqueza, a mensagem cristã desafia a repartir tudo o que se possui aos pobres tal como Jesus deixou claro ao valorizar as boas ações quando se faz por *amor* (Mt 25, 31-46).

“e entregue o meu corpo para ser queimado” (v. 3b). Na mesma linha de pensamento uma entrega para morrer pelo fogo será a suprema entrega de si-mesmo.

“se não tiver *amor* (ἀγάπην *agape* — *amor*), de nada me aproveita” (v. 3c). Paulo conclui e diz que qualquer uma destas entregas, seja o dar os bens materiais seja a entrega do próprio corpo, se carecem de *amor*, não beneficia nada a pessoa, ou seja valoriza o espírito da entrega e não apenas o aspecto material e parcial da oferta.

6.3. Versículos 4-7: “O *amor* resiste a todas as coisas”

1Cor 13, 4-7 ⁴Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται ἡ ἀγάπη, οὐ ζηλοῖ, [ἡ ἀγάπη] οὐ περπερεύεται, οὐ φυσιοῦται, ⁵οὐκ ἀσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς, οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ κακόν, ⁶οὐ χαίρει ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συγχαίρει δὲ τῇ ἀληθείᾳ. ⁷πάντα στέγει, πάντα πιστεύει, πάντα ἐλπίζει, πάντα ὑπομένει.

1Cor 13, 4-7 ⁴O amor é paciente (grego: μακροθυμεῖ *makrothymeí*), o amor é prestável (grego: χρηστεύεται *chresteuetai*), não é invejoso (grego: ζηλοῖ *zeloo*), não é arrogante (grego: φυσιοῦται *physioutai*) nem orgulhoso; ⁵nada faz de inconveniente (grego: ἀσχημονεῖ *aschemoneí*), não procura o seu próprio interesse (grego: παροξύνεται

paroxynetai), não se irrita nem guarda ressentimento; ⁶ Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade; ⁷ Tudo desculpa (grego: στέγει *stegei*), tudo crê (grego: πιστεύει *pisteuei*), tudo espera (grego: ἐλπίζει *elpizei*), tudo suporta (grego: ὑπομένει *hypomenei*).

“O amor é paciente” (μακροθυμει *makrothymei*) (v. 4a). Este tipo de paciência é uma das características de Deus que é “misericordioso; lento para a ira, e grande em benignidade (hebraico: *hesed*) e verdade” (Ex 34, 6). Este *amor* (*hesed*) nasce do compromisso de Deus até ao pacto que fez com Israel. Em muitos casos, *Iaweh* permitiu que Israel fosse “castigado” pelos seus pecados mas sempre como forma de aprendizagem perspectivada para promover o arrependimento e conversão, não como um castigo para destruir.

Agora, Deus pede-nos para expressar o mesmo tipo de *amor* de um pelo outro. Um *amor* que sofre por muito tempo.

“é prestável” (*chresteuetai*) (v. 4b). A palavra *chresteuetai*, como a palavra *agape*, é uma palavra de ação. Esta palavra implica ser uma pessoa que ajuda - que faz boas obras. A paciência a que alude o versículo 4a refere-se à moderação — a restrição de uma ação negativa. O *amor* do versículo 4b refere-se a ação — mover-se até à resolução de um problema, compartilhar uma carga, ou prover a alguma necessidade.

“o amor não é invejoso” (*zeloo*) (v. 4c). A palavra *zeloo* está relacionada com a nossa palavra zelo, que pode ser positivo ou negativo. No contexto deste versículo, sugere que o *amor* não deseja o que pertence ao outro. Uma pessoa que cai no *zeloo* não pode amar o outro, porque *zeloo* gera sentimentos negativos.

“nem orgulhoso” (*physioutai*) (v. 4d). A pessoa que ama os outros com *amor agape* ajudará a outra pessoa a crescer, uma vez que o faz pelo outro e não por si.

“nada faz de inconveniente” (*aschemonei*) (v. 5a). A palavra *aschemonei* tem a ver com um comportamento “feio, indecente e impróprio”. As ações dos cristãos coríntios na celebração da Ceia do Senhor são exemplo de um comportamento *aschemonei* (1Cor 11, 17-22). Os que têm comida comem, enquanto os que não a têm passam fome. Alguns excedem-se no vinho da comunhão. Ao acontecerem estas coisas, há desprezo em relação à igreja, humilhando os necessitados.

“não procura o seu próprio interesse” (v. 5b). A pessoa que ama com *amor agape* não pode, ao mesmo tempo, ser egoísta centrando-se si. *Amor agape* e egoísmo são mutuamente exclusivos.

“não se irrita nem guarda ressentimento” (*paroxynetai*) (v. 5c). A palavra *paroxynetai* tem a ver com sentir-se irritado ou provocado pela ira. Não se irritar ou ressentir relacionam-se com a paciência, pelo que não se aborrece.

“**Não se alegra com a injustiça mas rejubila com a verdade**” (v. 6a). Há atitudes do homem que mostram a sua natureza pecadora – por exemplo, alegrar-se com o mal dos outros. Mas a pessoa que ama com *amor agape* fica feliz com a felicidade dos outros e entristece-se com a tristeza dos outros.

“**Tudo desculpa**” (*stegei*) (v. 7a). Paulo tem estado a dizer-nos tudo o que o *amor agape* não faz. Agora diz-nos o que faz. Em primeiro lugar, *agape* sofre todas as coisas. O verbo *stego* tem dois significados no Novo Testamento: o primeiro é cobrir ou esconder; o segundo é abster-se. Aqui, usa-se o segundo significado.

“**tudo crê**” (*pisteuei*) (v. 7b). O verbo *pisteuo* de que deriva também *pistis* (fé), significa crer em algo ou alguém – confiar. O que ama com *amor agape* não pensa mal de toda a gente, mas acredita no ser humano, pensa bem e o melhor de toda a gente.

“**tudo espera**” (*elpizei*) (v. 7c). A pessoa que ama com *amor agape* pode reconhecer problemas relacionais que existam, mas tem a esperança de os ultrapassar. Não mostra, por isso, uma atitude negativa, mas positiva.

“**tudo suporta**” (*hypomenei*) (v. 7d). O verbo *hypomenei* tem origem em duas palavras gregas – *hypo* (debaixo) e *meno* (permanecer). Sugere uma postura defensiva que supera as dificuldades. Paulo não elogia, aqui, a passividade, mas o *amor* que supera todas as contrariedades. Trata-se de um tipo de *amor* ativo que, frequentemente, passa pelo diálogo.

6.4. Versículos 8-13: “O amor nunca deixa de existir”

1Cor 13, 8-13 ⁸Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει· εἴτε δὲ προφητεῖαι, καταργηθήσονται· εἴτε γλώσσαι, παύσονται· εἴτε γνώσις, καταργηθήσεται. ⁹Ἐκ μέρους γὰρ γινώσκομεν καὶ ἐκ μέρους προφητεύομεν· ¹⁰ὅταν δὲ ἔλθῃ τὸ τέλειον, τὸ ἐκ μέρους καταργηθήσεται. ¹¹ὅτε ἤμην νήπιος, ἐλάλουν ὡς νήπιος, ἐφρόνουν ὡς νήπιος, ἐλογιζόμην ὡς νήπιος· ὅτε γέγονα ἀνὴρ, κατήργηκα τὰ τοῦ νηπίου. ¹²βλέπομεν γὰρ ἄρτι δι' ἐσόπτρου ἐν αἰνίγματι, τότε δὲ πρόσωπον πρὸς πρόσωπον· ἄρτι γινώσκω ἐκ μέρους, τότε δὲ ἐπιγνώσομαι καθὼς καὶ ἐπεγνώσθην. ¹³Νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη, τὰ τρία ταῦτα· μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.

1Cor 13, 8-13 ⁸O *amor* jamais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará, e a ciência vai ser inútil. ⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a nossa profecia. ¹⁰Mas, quando vier o que é perfeito (grego: teleios), o que é imperfeito desaparecerá. ¹¹Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança. ¹²Agora, vemos como num espelho (grego: esoptron), de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito;

depois, conhecerei como sou conhecido. ¹³Agora permanecem (grego: menei – de meno) estas três coisas: a fé, a esperança e o *amor*; mas a maior de todas é o *amor*.

“**O amor jamais passará**” (v. 8a). Paulo, aqui, contrapõe o *amor* aos três dons espirituais – profecia, falar línguas e a ciência (ou a sabedoria). O *amor* não termina, mas a necessidade de dons espirituais é temporal. Paulo está a pensar em termos escatológicos, e, neste versículo, contrapõe o que experimentamos neste mundo com o que podemos esperar; com o que podemos esperar uma vez realizado completamente o reino de Deus.

O *amor* é interminável, desde que *Iaweh* estabeleceu um pacto com o povo de Israel, redimindo-o, quando lhe foi infiel. Em segundo lugar, o *amor* é interminável por continuar por toda a eternidade – o *amor* será a característica principal de todas as relações e que continuará na eternidade quando o reino de Deus se realizar plenamente.

“**As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará, e a ciência vai ser inútil**” (v. 8b) Profecia, falar línguas e ciência (sabedoria) terminarão quando o reino de Deus vier por completo, mas o *amor*, como vimos acima, não terminará.

Quando chegar o reino de Deus, não fará falta a profecia, ainda que a profecia seja um dom maior do que o dom de falar línguas (1Cor 14, 1-5). Neste mundo, os profetas revelam a vontade de Deus. Mas no reino de Deus, conheceremos a vontade de Deus sem a necessidade da ajuda dos profetas. Do mesmo modo, falar línguas é irrelevante no reino de Deus, pois conheceremos a vontade de Deus por completo.

“**Pois o vosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a vossa profecia**” (v. 9). Não obstante os esforços do homem em aprofundar os conhecimentos científicos e em procurar perceber a vontade de Deus cada vez há mais para descobrir, como os investigadores não cessam de constatar.

“**Mas quando vier o que é perfeito (*teleios*), o que é imperfeito desaparecerá**” (v. 10). A palavra *teleios* pode ser traduzida por “completo”, “inteiro”, “sem mancha” ou “sem dividir”. Paulo continua a pensar em termos escatológicos. Contrapõe o *teleios* (que experimentaremos com o porvir) com o “parcial” (que experimentamos agora).

Quando Cristo vier de novo para trazer-nos plenamente o reino de Deus, não necessitaremos de dons como a profecia, que nos proporciona uma revelação parcial. Então, as revelações parciais terminarão.

“**Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança, mas quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança**” (v. 11). Paulo compara a maturidade na fé com uma criança que vai sucessivamente melhorando a sua forma de expressão, pensamento e raciocínio, contrapondo que há atitudes que sendo compreensíveis numa criança não as são num adulto.

“Agora vemos como num espelho (*esoptron*), de maneira confusa; depois, veremos face a face” (v. 12a). No tempo de Paulo, os espelhos eram geralmente feitos de metal polido e a imagem refletida não tinha a nitidez dos espelhos atuais. Quando Paulo diz que vemos “como num espelho de maneira confusa”, quer dizer que o entendimento espiritual que temos agora não terá a nitidez do que experimentaremos no porvir. A nossa visão espiritual passará de uma imagem aproximada para uma imagem perfeitamente clara.

“Agora conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido” (v. 12b). Agora, conhecemos imperfeitamente. Mas, no porvir, Deus revelará plenamente os mistérios espirituais, inclusive quem somos. Do mesmo modo que Deus nos conhece completamente agora, no porvir, nós também conheceremos a Deus plenamente.

“Agora permanecem (*menei* – de *meno* – permanecer) estas três coisas: a fé, a esperança e o amor: mas a maior de todas é o amor” (v. 13). Os cristãos coríntios distinguem a filosofia, a sabedoria e os mistérios, de acordo com a sua herança e cultura grega. No entanto, Paulo aponta para valores mais elevados – fé, esperança e *amor*.

Fé e esperança não serão necessárias no porvir, mas apenas no momento presente. Por meio da fé, acreditamos para além da razão e conhecemos Deus, e no momento presente temos esperança no futuro. Porém, quando o reino de Deus chegar por completo, conheceremos a Deus face-a-face e abraçaremos o futuro.

O *amor* está numa categoria diferente. O *amor* é tão importante agora como no porvir. A diferença principal consiste na perfeição do *amor*. No porvir, amaremos como Deus ama. Assim, amaremos com perfeição.

7. Vocabulário de 1Cor 13

Nesta seção descrevemos os principais vocábulos utilizados.

7.1. *Agape*: A palavra-chave

agape amor (v. 1b). A língua grega utiliza três palavras diferentes para "amor" *eros*, *philos*, e *agape*. *Eros* não se utiliza no Novo Testamento. *Philos* e sua forma verbal, *phileo*, aparecem 55 vezes no Novo Testamento, e usam-se para expressar o afeto que uma pessoa sente por outra (Mt 10, 37; Lc 14, 12; Jo 11 3, 11); a verdadeira amizade entre os cristãos é fundada sobre a comum união com Cristo¹⁶; e o *amor* de Deus pelo seu povo (Jo 16, 27) — apesar disto, *agape* e *agapao* usam-se mais frequentemente para referir-se ao *amor* de Deus. A amizade adequada aos cristãos é de novo tipo e radicalmente diferente da amizade dos pagãos que comportavam aspetos dos cultos moralmente perigosos.

A partir da análise lexical, para exprimir o conceito de “amor”, o A.T. usa sobretudo a raiz *’hb*, referindo-se aos objetos e às ações, e podendo ter não só um significado profano, mas também um grande significado religioso¹⁷.

O *amor* é um sentimento espontâneo. O *amor* é uma força espiritual. Quando se ama, ama-se “com todo o coração, com toda a alma e com toda a energia” (Dt 6, 5; 13, 4).

Phileo, o *amor* de amizade, é importante e faz parte da antiguidade greco-romana, Para os cristãos a amizade é diferente da amizade dos pagãos, é fundada sobre a união com Cristo, sendo religiosa e moral¹⁸.

7.2. As outras palavras

γλώσσαις γλώσσα, ης, η - *glossa* – língua. Paulo, em 1Cor 12-14, emprega o termo *γλώσσα* em diversas expressões e combinações de palavras para designar um dom ou carisma.

O emprego técnico de *γλώσσα* liga-se, aqui, com o significado de língua = idioma.

A interpretação mais remota de que podemos falar no cristianismo primitivo entende a glossolalia como um falar nas línguas dos homens e principalmente dos anjos (1Cor 13, 1), como uma possibilidade – concedida de modo escatológico aos cristãos – de louvar a Deus, em conjunto com os anjos, e de experimentar os mistérios divinos (1Cor 13, 2).

Os coríntios preferiam a glossolalia à profecia, uma vez que ela expressava uma antecipação da comunhão escatológica com Deus (cf. 1Cor 4, 7-10), uma vez que tinha um

¹⁶ G. Stählin, “*philos, phileo*”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1965, Vol. XIV, 1261

¹⁷ G. Quell, “*ἀγάπη*”, *op. cit.*, Vol. I, 57 e 60.

¹⁸ J. Behm “*ἀγάπη*”, *op. cit.*, Vol. I, 550-551.

marcado caráter pneumático (cf. 1Cor 3, 1), e valorizavam-na como o verdadeiro dom do Espírito (1Cor 13, 2). Diante disto, Paulo sublinha que a glossolalia é só um de muitos dons (1Cor 12, 4-11); que, para o culto divino, só é útil se reúne determinadas condições, porque o culto tem que estar ao serviço da edificação da comunidade, e não do carismático em particular (1Cor 14, 5).

O dom da glossolalia – como todos os dons – é perecível e imperfeito (1Cor 13, 8-12).

προφητεία προφητεία, ας, η – Atividade profética, dom de profecia, palavra profética.

προφητεω - O verbo aparece 11 vezes em Paulo (todas elas na Primeira Carta aos coríntios), 9 vezes nos Evangelhos, 4 nos Atos e 2 no Apocalipse; encontra-se também em 1Ped 1, 10 e Jds 14.

O verbo tem o sentido de profetizar (anunciar antecipadamente algo futuro com as suas implicações para a história da Salvação). O verbo é usado na forma de nif'al e hitpa 'el, derivado ambos do substantivo, o qual significam primeiramente 'mostrar-se como um *nabi* e 'agir como *nabi*, de acordo com o profetismo israelítico no A.T.¹⁹.

Em Paulo, o substantivo significa o dom (o carisma em Rm 12, 6) da profecia (1Ts 5, 20; 1Cor 12, 10; 1Cor 13, 2-8) ou a palavra profética (1Cor 14, 6-22). A atividade profética destina-se ao consolo, ao fortalecimento e à instrução da comunidade (1Cor 14, 3-31).

Paulo não se define a si-mesmo como profeta, mas como apóstolo. Porém, fala a comunidade profeticamente, quando a exorta e consola (1Cor 14, 6; Rm 11, 25 ss). Exortação e consolo são anúncio profético para a edificação da comunidade²⁰.

Profecia e glossolalia têm muitos elementos em comum, ambas são ações do Espírito. A profecia é um discurso inteligível. A experiencia pneumática vem do profeta e as suas palavras são compreensíveis ao próximo e também ao estranho²¹.

μυστήρια Em 1Cor 14, 2, os μυστήρια são os mistérios (de Deus), que se expressam de modo incompreensível para o homem na glossolalia extática. No interesse da edificação da comunidade, esses mistérios devem ser traduzidos numa língua compreensível para todos.

Em 1Cor 13, 2, o conhecimento de todos os μυστήρια refere-se no sentido mais amplo aos dons espirituais da profecia²².

πίστις, εως, η - *pistis* – fé. Por ser a resposta adequada do homem à mensagem de salvação, a fé determina a existencia do cristão (Rm 14, 22 s; 1Cor 13, 13; 2Cor 4, 13; Gl 2, 20; Gl 5, 5) e fundamenta a sua nova conduta; pois da πίστις se diz que esta se traduz em *amor* (Gl 5, 6) e que tem como consequencia uma determinada conduta (Rm 14, 23; 2Cor 4, 13).

¹⁹ R. Rendtorff, “προφητεω”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1965, Vol. XI, 480

²⁰ G. Friedrich, “προφητεω”, *op. cit.*, Vol. XI, 570

²¹ *Ibidem*, Vol. XI, 626

²² G. Finkenrath “μυστήρια”, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996, Vol. III, 645

Uma vez que a fé se agarra unicamente à palavra, contra todas as aparencias, é, como a fé de Abraão (Rm 4, 19s), uma fé sujeita incessantemente à tentação, pelo que se exorta a permanecer firmes na fé (1Cor 11, 20; 1Cor 16, 13; 2Cor 1, 24; cf. Gl 5, 1). Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e acreditares com o teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo (Rm 10, 9).

ὄρη ὄρος, ους, το - *oros* – montanha, monte – A palavra que fala da “fé que translada montes” encontra-se em Mc 11, 23 par. Mt 21, 21, Mt 17, 20; 1Cor 13, 2²³.

ὑπάρχοντα ὑπάρχω - *hyparcho* – ter, estar presente, possuir.

Em Paulo, relativiza-se a plena renúncia aos bens: sem o *amor* ao corpo de Cristo que é a comunhão realizada pelo Espírito (1Cor 12), e ainda o radicalismo mais extremo e absurdo²⁴.

παραδω παραδιδωμι - *paradiomadiomi* – entregar o corpo para ser queimado (1Cor 13, 3) – martírio na fogueira ou sinal de escravos marcado a fogo²⁵?

ζῶμά, ατος, το *soma* – corpo – Também Paulo é capaz de falar da entrega do corpo, mas (com execução de 1Cor 13, 3) não pensa na morte, mas no corpo que se põe no mundo à disposição do Senhor. Trata-se aqui de um genuíno culto divino, compreensível para todos (Rm 12, 1) e mesmo Paulo o pratica de modo radical (1Cor 9, 27). O corpo, e não a alma, é templo do Espírito Santo. Nos LXX, *soma* tem a ver com festa e sacrifício intimamente ligados ao culto.

μακροθυμει μακροθυμew - *makrothymeio* – ter paciência, ser paciente²⁶.

ζηλοῖ ζηλοισ, ου, ο – *zelos* – zelo – Paulo emprega **ζηλος** e **ζηλω** com diversos significados. O zelo como expressão típica de uma conduta “carnal”, por contraposição ao *Pneuma* e à *agape* (Rm 13, 13; 1Cor 3, 3; 1Cor 13, 4; 2Cor 12, 26; Gl 5, 20).

O zelo, aqui, é uma atitude hostil para com o semelhante²⁷.

περπερεύεται περπερεύομαι - *perpereuomai* – jactar-se, gloriar-se. Em 1Cor 13, 4 diz-se da **ἀγάπη**: ου περπερεύεται²⁸.

κακόν κακός - *kakos* – mal. O uso substantivado, especialmente das formas neutras (το κακον, Jo 18, 23; Rm 2, 9; Rm 7, 21; Rm 12, 21 [bis]; Rm 13, 4[bis]; Rm 16, 19; 1Cor 13, 5; 3 Jo 11; τα κακά, Lc 16, 25; Rm 3, 8; 1Tm 6, 10) está marcado pelo mesmo sentido geral e impreciso que caracteriza a **κακια** (maldade)²⁹.

ἀδικία, ας, η – *adikia* – injustiça, má ação³⁰

²³ H. Klein, “ὄρη”, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996, Vol II, 604.

²⁴ H. Prost, “ὑπάρχω”, *op. cit.*, Vol. II, 721-732.

²⁵ U. Popkes, “παραδω”, *op. cit.*, Vol. II, 1862.

²⁶ U. Falkenroth, “μακροθυμει μακροθυμew”, *op. cit.*, Vol II, 237, 238.

²⁷ W. Popkes, “ζηλοῖ ζηλοισ, ου, ο”, *op. cit.*, Vol. II, 1727-1730.

²⁸ Zmijewski, “περπερεύεται περπερεύομαι”, *op. cit.*, Vol. I, 2276.

²⁹ M. Lattae, “κακόν κακός”, *op. cit.*, Vol. II, 2154-2155.

³⁰ G. Friedrich “ἀδικία”, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996, Vol. I, 98.

ἀληθεία, ας, η – *aletheia* – verdade. Em 1Cor encontra-se ἀληθεία em antítese com ἀδικία, 1Cor 13, 6, e refere-se, portanto, à conduta do homem, em 1Cor 5, 8 mediante a coordenação de ἀληθεία e dos sentimentos puros, ειλικρινεια, indica-se uma ideia que se desenrola em 2Cor 3s. Ao longo da exposição acerca do fato de recomendar-se a si-mesmo em 2Cor 4, 2, Paulo fala em sobre a revelação φανερωσις da verdade. Neste ato desaparece a dúvida sobre a integridade e a legitimidade daquele que a proclama. Portanto, é próprio da verdade proclamada o ter a força para impor-se a si-mesma. Ἀληθεία, por isso, não é simples objeto de um enunciado, ainda que Paulo possa dizer em 2Cor 12, 6: Paulo é um homem que segue continuamente a norma da verdade, por isso pode dizer: “Digo a verdade”³¹.

ἐλπίζει ἔλπις, ιδος, η - *elpis* – esperança, objeto de esperança. Quando Paulo, em 1Cor 13, 13, afirma que a tríade fé-esperança-amor permanecem, não quer dizer que a fé e a esperança continuem a existir na conjunção escatológica. O que se diz aplica-se ao presente. A tríade determina a existencia cristã presente. A elpis cristã é um bem escatológico³². Não é vivida separadamente da fé. É próprio do Homem ter ἔλπις no sentido originário da palavra. O nosso conceito de esperança corresponde em grego ἔλπις e ἀγαπν. A esperança do Homem bíblico é respondida unicamente em Deus. A esperança está ligada ao futuro escatológico³³.

ὑπομένει. ὑπομένω - *hypomeno* – aceitar-se, manter-se firme, aguentar. Trata-se de uma atitude que não devolve o mal que sofreu, mas que aceita. Paulo atribui esta atitude ao amor: “o amor tudo suporta” (1Cor 13, 7). Sofrer maus tratos é amiúde a sorte dos escravos.

καταργεω – *katargeo* – destruir – como composto de ἀργεω. Deriva etimologicamente de ἀργος (raiz: α-εργος), “inefícaz, ocioso, inacabado”. No N.T. abarca todo um espectro de significados, desde tornar inefícaz, destruir, privar de poder (Lc 13, 7) até ao enunciado positivo de libertar; na voz passiva, o verbo significa perecer (1Cor 13, 8-10), ser separado.

νήπιος *nepios* – infantil, inocente, de menoridade. A imagem de imaturidade espiritual do νήπιος em comparação com o adulto (άνήρ), aplica-se a 1Cor 13, 11 ao nível “inferior” da existencia atual do cristão em comparação com a sua perfeição quando chegue o reino de Deus (vv.10.12).

άνήρ άνδρος, ο *aner* – homem. Άνήρ é a pessoa respeitada, em contraste com o pobre (Tg 2, 2; Ecl 10, 23), o homem maduro em contraste com a criança que é fácil de enganar (1Cor 13, 11), supõe-se que o adulto já superou o período da infancia (Gl 4, 31)³⁴.

έσόπτρου, ου, το *esoptron* – espelho. Em 1Cor 13, 12, em sentido figurado: “agora vemos (Deus) através de um espelho em manifestação enigmática” (pois não é possível todavia a contemplação imediata).

³¹ G. Quell, Kittel, R. Bultmann “ἀληθεία”, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1965, Vol. I, 625ss.

³² H. Schlier, “ἐλπίζει”, *op. cit.* Vol. IV, 509, 518, 522; R. Bultmann, “ἐλπις”, *op. cit.*, Vol. II, 522.

³³ *Ibidem*, 509, 518, 522.

³⁴ J. B. Bauer, “άνήρ”, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996, Vol. I, 294.

II. A Teologia de 1Cor 13

Introdução

A grande preocupação de Paulo consiste em levar o Evangelho, pregado no ambiente da Palestina, para o mundo greco-romano. Por isso, as suas Cartas representam o primeiro e o maior esforço de evangelização numa nova cultura. A passagem da cultura semita para a cultura helénica deve-se sobretudo a Paulo, que levou o Evangelho anunciado por Jesus de Nazaré até às mais remotas regiões do Império Romano. Isto não quer dizer que Paulo tivesse em menor consideração a igreja de Jerusalém e a doutrina da tradição por ela veiculada (ver Gl 2, 2). A sua “visão de Damasco”, não se opondo à doutrina tradicional, apenas justifica o seu “Evangelho”, isto é, o novo sistema de justiça fundado sobre a fé e não sobre as obras da Lei, interpretadas no sistema farisaico, que era o seu, quando era rabino (Gl 3, 23-24).

1. As linhas-força da mensagem de Paulo na sua Carta

Os cristãos de Corinto eram confrontados com diferentes realidades: reduzir a fé cristã a uma sabedoria humana por influência das escolas filosóficas da época; ceder aos ímpetus de uma ética sexual caracterizada, ora por uma permissividade excessiva, ora pelo desprezo do próprio corpo, segundo diferentes correntes filosóficas; continuar a observar práticas culturais do paganismo e a sofrer a influência desses cultos e ritos, bem como a dificuldade em conciliar a novidade da ressurreição com as doutrinas dualistas da filosofia grega.

A resposta de Paulo está marcada pela cultura de então e não se reduz a casos já ultrapassados, mas continua atual. Está alicerçada nos princípios básicos da fé cristã e oferece-nos uma teologia aplicada ao concreto da vida cristã que justifica completamente o interesse e a atualidade desta Carta. Sentimos a forte personalidade de Paulo e a presença constante de Jesus Cristo Ressuscitado que anima a comunidade e a tudo dá sentido.

1.1. As fações em Corinto (1Cor 1, 10 – 4, 21)

Para Maurice Carrez³⁵, as divisões na comunidade têm, primeiramente, origem no fato dos coríntios se agruparem em clãs, em pequenos grupos de 40 a 50 pessoas que se reuniam nas suas casas particulares, tendo duplo acolhimentos: 8 ou 9 pessoas na sala de jantar (triclinium) – reservada às pessoas íntimas, e 30 a 40 no átrio – aberto a todos os outros. Os grupos experimentavam uma atmosfera familiar, e viviam um certo isolamento, o que lhes proporcionava uma evolução diferente e a elaboração das suas próprias ideologias.

Há quatro grupos importantes que se reconheciam numa figura de eleição: 1) De Paulo, Apóstolo fundador, o pai da comunidade, que gerou pela fé (1Cor 4, 15); 2) De Apolo, alexandrino, especialista nas escrituras, influenciado pelos métodos exegéticos de Filon de Alexandria; 3) De Cefas: nome aramaico de Pedro; 4) De Cristo: entre outros, cristãos que rejeitavam a ideia de se reunirem em nome de um simples homem.

1.2. A loucura da Cruz e a sabedoria de Deus (1Cor 1, 18 – 3, 4)

Como a mensagem de Paulo é centrada no crucificado (1Cor 1, 18-20) revela o aspeto contraditório Morte-Vida. Paulo tem o discurso da Cruz e a aceitação da cruz passa por uma conversão radical. Segundo Dt 21, 23, a cruz é um sinal de maldição (cf. Gl 3, 13). A aceitação da cruz passa por uma conversão radical. Em 1Cor 1, 23 escreve “nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios”, elevando a entrega de Jesus pela redenção do homem, dirigindo-se a todos sem discriminação de culturas mas harmonizando-os, tal como escreve em 1Cor 9, 22 “Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo”.

Para Paulo, Cristo toma o lugar da sabedoria personificada no A.T., por exemplo no livro de Baruc. Este último fala dos príncipes da terra que não conheceram os caminhos da sabedoria descida sobre a terra para habitar entre os homens. Ora, Paulo faz uma transposição para se referir a Cristo nos mesmos termos, uma vez que Cristo é essa sabedoria, o que é surpreendente.

Compreendendo que Jesus era o Messias, Paulo não tem dificuldade em anunciar que o Mestre era a sabedoria de Deus: “Pois, já que o mundo, por meio da sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que creem, pela loucura da pregação”, 1Cor 9, 21³⁶.

Segundo Maurice Carrez, “a aceitação da cruz é a pedra de toque para reconhecer um homem espiritual e não a adesão a este ou àquele pregador, já que estes são julgados segundo critérios puramente humanos e não segundo a originalidade completa e total do Evangelho”³⁷.

1.3. Os pregadores, servidores dos mistérios de Deus, edificam a igreja (3, 5 – 4, 21)

Paulo aplica à igreja a metáfora de Jeremias (Jr 1, 10; 18, 7 e 9): plantar e construir. A igreja é plantação de Deus (3, 5-9) que Deus faz crescer (3, 6-7). Os homens são servidores (3, 5), mas também colaboradores de Deus (3, 9). “⁵Pois, quem é Apolo? Quem é Paulo?

³⁵ Maurice CARREZ, *A Primeira Carta aos Coríntios*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1996.

³⁶ *Ibidem*.

Simples servos, por cujo intermédio abraçastes a fé, e cada um atuou segundo a medida que o Senhor lhe concedeu: ⁶Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento. ⁷Assim, nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer. ⁸Tanto o que planta como o que rega formam um só, e cada um receberá a recompensa, conforme o seu próprio trabalho. ⁹Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício de Deus”.

Em 4, 16, Paulo propõe aos crentes que o imitem: “Rogo-vos, pois, que sejais meus imitadores”. Na verdade, Paulo é – em toda a história da igreja – um orientador, comunicando a revelação recebida, e gerando de acordo com a imagem de Cristo.

1.4. Pertencer a Cristo (1Cor 5, 1 – 7, 40)

1.4.1. Abandonar os comportamentos herdados do passado (1Cor 5, 1 – 6, 20)

No cristianismo o perdão tem grande força, mas, apesar disso, é necessária uma conversão como Jesus disse à mulher: “Vai e de agora em diante não tornes a pecar” (Jo 8, 10) mas é importante reconhecer que o homem, mesmo perdoado, permanece pecador³⁸.

Paulo apresenta nesta passagem um caso de má conduta: um membro da igreja vive com a mulher não cristã de seu pai, ou seja, a sua madrasta. Ora, o casamento entre madrasta e enteado era proibido entre os judeus (Lv 18, 8) e entre os romanos. Paulo não exclui o culpado da igreja, mas mostra que este homem não pode reivindicar o título de irmão, por continuar a viver na imoralidade.

O texto de 5, 7 volta a repetir: “Purificai-vos, do velho fermento, para serdes nova massa, já que sois pães ázimos. Pois Cristo nossa Páscoa foi imolado”. Contexto que Paulo também escreve à comunidade Éfeso “Porque é pela graça que estais salvos por meio da fé. E isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2, 8).

Como proceder diante da contínua fragilidade do homem, diante da persistência do pecado do crente? Será necessário dar aos apóstolos o poder das chaves, isto é, a possibilidade de perdoar ou não perdoar os pecados (Mt 16, 19; 18, 18; Jo 20, 23)?

Os coríntios estão longe da perfeição (1Cor 3, 1-3), tendo como características: a aridez, a paixão pelo lucro fácil e a afirmação dos seus próprios interesses em detrimento dos objetivos dos outros, continuando agarrados a antigos costumes. Por exemplo, instauram processos uns contra os outros nos tribunais pagãos.

³⁷ Maurice CARREZ, *A Primeira Carta aos Coríntios*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1996, 17.

³⁸ *Ibidem*, 21.

Em 1Cor 6, 1-11, Paulo – diante dos coríntios – quer pôr em evidencia as profundas implicações da sua pertença a Cristo. O estilo de vida cristão deve levar os cristãos a evitar disputas, a evitar recorrer aos tribunais pagãos que, se necessário, deveriam ser mediadas por um membro da comunidade.

Em 1Cor 6, 12-20, Paulo distingue o corpo e a carne. O corpo (σῶμα) representa a pessoa humana na sua proximidade com Deus, enquanto a carne (σαρξ) exprime a fraqueza humana no seu distanciamento em relação a Deus e até na separação pelo pecado. Para Paulo, o cristão ao estar unido a Cristo forma com Ele uma unidade, pelo que todos os seus comportamentos atuam nesta unidade homem-Deus, nomeadamente quando escreve: “não sabeis que aquele que se junta a uma prostituta, torna-se com ela um só corpo? Pois, como diz a Escritura: *Serão os dois uma só carne*. Mas quem se une ao Senhor, forma com Ele um só espírito” (1Cor 6, 16-17). E nos versículos seguintes Paulo coloca o ser humano num patamar ainda mais elevado ao lembrar: Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo (1Cor 6, 19-20).

1.4.2. Mulheres e homens em Corinto: vida sexual, casamento, celibato, viuvez (1Cor 7, 1-40)

Há um novo tipo de casal: “A esposa não pode dispor do próprio corpo, mas sim o marido; e, do mesmo modo, o marido não pode dispor do próprio corpo, mas sim a esposa” (1Cor 7, 4). No mundo grego, o marido não era obrigado a respeitar a unicidade do casal. Para a mulher, é uma ascensão à dignidade de pessoa humana diante da graça e da salvação, bem como, na existência quotidiana. Aqui, temos um tipo de casal onde um não existe sem o outro, como imagem de Jesus Cristo e do seu corpo místico (6, 13.14.15.17). Segundo Maurice Carrez, “a vida em comunhão com o Senhor permite a escolha em favor de um verdadeiro casamento com unicidade e reciprocidade completas, ou a escolha em favor de um celibato real com absoluta disponibilidade”³⁹.

Paulo apresenta o celibato como uma opção de vida e devemos entender que só fará sentido como oferta a Deus como um bem superior: “Desejaria que todos os homens fossem como eu, mas cada um recebe de Deus o seu próprio carisma, um de uma maneira, outro de outra” (1Cor 7, 7), mas não deverá tomá-la quem sinta que não consegue ser fiel a esta opção: “Aos solteiros e às viúvas digo que é bom para eles ficarem como eu. Mas, se não podem guardar continência, casem-se; pois é melhor casar-se do que ficar abrasado” 1Cor 7, 8-9.

³⁹ Maurice CARREZ, *op. cit.*, 27.

1.5. Consciência e conhecimento, liberdade e *amor* (1Cor 8, 1 – 11, 1)

A partir do tema das carnes sacrificadas aos ídolos, Paulo aborda as questões mais decisivas da vida moral (consciência e liberdade), comunitária (relações entre os crentes com opiniões diferentes), sacramental (as exigências espirituais dos ritos de iniciação), política (como é que o cristão participa na vida da sociedade). Consumir as carnes sacrificadas aos ídolos tem muito menos importância do que a edificação da comunidade (1Cor 8, 7-13). Comer a carne sacrificada aos ídolos é um critério decisivo de liberdade e de conhecimento.

Para Paulo, o verdadeiro conhecimento leva consigo um movimento duplo: o que parte do homem, do seu conhecimento religioso; e o que vem de Deus e atinge o homem: “o ser conhecido de Deus” (8, 3).

Há uma correspondência entre a tríade profecia/glossolalia/conhecimento e o perfil de Paulo de apóstolo/profeta/mestre. Segundo Maurice Carrez, Paulo quer restabelecer a audiência da tríade dos grandes ministérios – apóstolos/profetas/mestres, e quer realçar o critério da edificação da comunidade (14, 3. 9. 12. 26; cf. 8, 1-10; 10, 23; 14, 4. 7)⁴⁰.

A igreja está hoje alicerçada no Batismo e nutre-se da Ceia. É neste plano visível que a comunhão se realiza. A palavra-chave de toda esta passagem é *κοινωνία* (*koinonia*) – comunhão: 10, 16.18.20, palavra que vem da língua profana e que designa intimidade. A comunhão com o Senhor compromete a comunidade com os outros e, ao mesmo tempo, exclui qualquer comunhão com os ídolos ou com os demónios. Antes de ser sacrificada, a carne faz parte da criação e, como tal, é um dom do Senhor. Assim, pode ser consumida sem qualquer escrúpulo (1Cor 10, 26), no entanto deverá ser evitado o seu consumo se for dito que a mesma proveio de sacrifícios aos ídolos por respeito a quem avisou e para evitar o eventual mal-entendido do cristão ter participado em rituais pagãos (1Cor 10, 28-29).

1.6. Três problemas respeitantes à assembleia cristã (1Cor 11, 2 – 14, 40)

1.6.1. A mulher e o homem diante do Senhor (1Cor 11, 2-16)

Entre o homem e a mulher existe uma total igualdade e reciprocidade como se afirma em Gl 3, 27-28 e 1Cor 7, 3-4, o que é muito inovador numa época em que o homem domina.

Em 1Cor 11, 7-9, pode parecer que Paulo apresenta uma exegese anti-feminista, em contradição com 1Cor 11, 11-12. No entanto, lendo com mais atenção, verificamos que, dentro do contexto cultural da época, Paulo eleva a mulher ao nível de criatura criada por Deus, inseparáveis homem e mulher, porque “a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher e tudo provém de Deus” (1Cor 11, 12).

1.6.2. A ceia do Senhor e o *amor* mútuo (1Cor 11, 17-34)

Uma vez que há divisão da igreja pelas diversas casas em vários grupos em nome de Paulo, Apolo, Cefas, etc., não há partilha.

Nas reuniões cada um tem a preocupação de trazer a sua própria refeição (1Cor 11, 20-21) e, assim, a ceia do Senhor torna-se uma recoleção, em vez de ser uma comunhão. Paulo exorta os coríntios a celebrarem bem a ceia do Senhor, de modo a que seja uma verdadeira ceia do Senhor: “Portanto, examine-se cada um a si próprio e só então coma deste pão e beba deste vinho; “pois aquele que come e bebe, sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação (1Cor 11, 28-29).

1.6.3. Acerca do bom uso dos dons espirituais (carismas) (1Cor 12, 1 – 14, 39)

Em 1Cor 12, 7-11, Paulo diz: “A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum”. Seguidamente, apresenta uma lista de dons, que corresponde à situação da comunidade de Corinto.

Em primeiro lugar, a fonte, a origem dos dons, é mais importante que os seus efeitos. Em segundo lugar, a ligação com o Espírito é o único garante de um *amor* autêntico.

O *αγάπη* (*agape*) é o *amor* de Cristo em nós. Ou seja, é a própria presença de Cristo no seio das relações com os outros: 1Cor 13, 5-6.

Segundo Maurice Carrez, “só o *amor* constrói um futuro verdadeiro, já que não é atingido pela morte e pertence igualmente ao presente e ao futuro da perfeição”⁴¹.

O hino ao *amor* revela-nos profundamente a Trindade, pois “é revelador de Cristo, de Deus e do Espírito”⁴².

Na assembleia, o canto, o ensino, a revelação, o falar línguas, a interpretação, tudo deve ser realizado em ordem à edificação (1Cor 14, 26).

1Cor não nos dá como Cl 3, 16 ou Ef 5, 18-20 nenhuma profecia de forma litúrgica como a bênção pronunciada sob a inspiração do Espírito Santo.

⁴⁰ Cf. Maurice CARREZ, *op. cit.*, 31.

⁴¹ *Ibidem*, 42.

⁴² *Ibidem*, 43.

1.7. Cristo ressuscitado vencedor da morte (1Cor 15, 1-58)

Segundo Maurice Carrez, “na morte, Cristo mostra toda a sua solidariedade com a raça humana e esta comunhão universal é bem mais forte do que a do seu nascimento. Ela dirige-se a todas as raças, línguas, condições, sexos e idades”⁴³.

A expressão “ressuscitou ao terceiro dia” sublinha, antes de mais, a inauguração do mundo futuro, início dos tempos novos e certeza do triunfo final.

Cristo ressuscitou segundo as Escrituras. A referência às Escrituras tem duas dimensões: uma que refere textos precisos como o de Os 6, 1-6; outra concentra o pano de fundo bíblico e judaico (Ez 37, 1-14, Is 61, 17; Is 52, 1; 60, 2).

No sentido global da evangelização de Paulo de acordo com a confissão de fé de 1Cor 15, 3-4: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, tudo está centrado em Cristo e parte dele. Ele morreu realmente. A sua morte só adquire o seu sentido para toda a Humanidade, a partir das Escrituras.

1.8. As testemunhas do ressuscitado (1Cor 15, 5-9)

Como Paulo escreve:

- “Ele apareceu a Cefas” – Primeira aparição
- “Em seguida aos Doze”
- “Seguidamente apareceu a mais de 500 irmãos ao mesmo tempo, a maior parte dos quais ainda vive, mas alguns já morreram”
- “Depois apareceu a Tiago”
- “Depois apareceu aos apóstolos”
- “Apareceu-me a mim (Paulo)”

A ressurreição de Cristo é primícia da ressurreição dos mortos (1Cor 15, 20) que acontecerá a todos os que morreram em Cristo (1Cor 15, 21-22). Como explica Maurice Carrez, “a ressurreição não é um simples retorno temporário à vida, como acontece com o caso do jovem de Naim nos Evangelhos (Lc 7, 11-17), da filha de Jairo (Mc 5, 21-43), ou mesmo Lázaro (Jo 11, 1-44)”⁴⁴. Para este autor, “a ressurreição marca a transformação completa do ser que escapa ao domínio daquilo que Paulo chama ψυχη (*psyche*)”⁴⁵.

⁴³ Maurice CARREZ, *op. cit.*, 47.

⁴⁴ *Ibidem*, 56.

⁴⁵ *Ibidem*.

2. O *amor* nos escritos de Paulo

Para Paulo, o *amor* é o dom mais importante e a essência cristã. A morte sacrificial de Cristo exprime o *amor* de Deus. Nos escritos paulinos, o *amor* é central.

2.1. A terminologia específica de Paulo sobre o *amor*

A palavra *amor* tem destaque em todas as cartas paulinas. É comum Paulo usar a terminologia *agapao* (com referência ao *amor* baseado em alto respeito ou apreço) para o *amor* divino e também humano: *agape* (“amor”), *agapao* (“demonstrar amor”) e *agapetos* (“alguém que é amado”).

No uso paulino, as palavras *eleeo* (“demonstrar compaixão, misericórdia”) e *eleos* (“compaixão, misericórdia”) aplicam-se quase exclusivamente a Deus, e não a seres humanos.

2.2. O *amor* de Deus/Cristo por nós

Paulo reconhece o *amor* salvífico de Deus (*ágape*) manifestado em Cristo como centro do Evangelho. Trata-se de um *amor* imerecido cuja expressão máxima é a morte de Cristo na cruz como sacrifício pelos pecados (Rm 5, 8; Ef 2, 4-5; 2 Ts 2, 16; cf. Gl 2, 20).

Além de ser demonstrado na cruz, o *amor* de Deus é demonstrado no chamamento dos fiéis (cf. Rm 9, 13, 15, 18, 21-24).

A segurança do fiel (“nada poderá separar-nos do *amor* de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor”) está intimamente ligada ao centro de toda a teologia e toda a ética cristã – o *amor* salvífico de Deus manifestado em Cristo. Da mesma maneira, a principal força propulsora na vida de Paulo é o sentido do *amor* de Cristo.

2.3. O nosso *amor* por Deus/Cristo

O *amor* por Deus (ou Cristo) está implícito do princípio ao fim, mas só é mencionado em Rm 8, 28; 1Cor 2, 9; 8, 3; 16, 22; Ef 6, 24; 2Tm 3, 4; 2Cor 5, 14; 2Ts 3, 5. A exigência de Paulo não consiste tanto em amar a Deus ou a Cristo quanto em crer em Cristo.

O conceito de amar a Deus não é periférico no pensamento paulino, mas central, dada a sua herança judaica e a sua visão da vida cristã.

2.4. O nosso *amor* pelos outros

Para Paulo, amar os outros é central na vida cristã. Em tudo o que fazemos, devemos exprimir *amor* (1Cor 16, 14). Os coríntios ambicionavam dons carismáticos (1Cor 12, 31-13, 2), mas Paulo afirma que amar os outros tem mais importância. O *amor*, sendo “fruto do Espírito” (Gl 5, 22-23), está estreitamente ligado à “lei de Cristo” (Gl 6, 2). Para C. G. Kruse, “todo o conceito paulino de vida santa é dominado pelo *amor*”⁴⁶.

2.4.1. A teologia do *amor*

Nos escritos paulinos, fé e *amor* estão frequentemente ligados. Nas passagens iniciais de ação de graças das suas cartas, Paulo dá relevância aos dois conceitos⁴⁷. A visão que Paulo tem da vida cristã pode ser sintetizada na expressão “a fé que age pelo *amor*” (Gl 5, 6) porque é essa fé que importa, e não a lei judaica.

A fé indica o fim da lei judaica em sentido salvífico (Rm 10, 4) – a lei como meio de justiça é substituída pela fé em Cristo e o *amor* aos outros.

2.4.2. As fontes do *amor*

A relação pessoal do crente com Jesus Cristo através do dom do Espírito é a fonte do *amor* (1Tm 1, 14; 2Tm 1, 13; cf. 2Tm 1, 7). O crente necessita de se libertar do pecado que tem amarras de egoísmo, bem como de se libertar da lei. De fato, o crente está diante de uma vida nova, produzindo “frutos do Espírito”, entre os quais, o *amor*.

É o Espírito de Deus que derrama o *amor* divino no coração humano (Rm 5, 5; cf. Gl 4, 6-7; Fl 1, 8). O *amor* tem origem em Deus como dom da graça (2Cor 8, 16; 1Ts 4, 9). Amar implica estar repleto do Espírito de Deus (Ef 5, 18).

2.4.3. A natureza do *amor*

Segundo 1Cor 13, demonstramos o *amor* com paciência e benignidade – não com ciúme, orgulho, arrogância, grosseria, insistência, irritabilidade, nem com o desejo de um ajuste de contas. Por outras palavras, o *amor* não é egoísta, mas está disposto a sacrificar-se em favor dos outros, de modo idêntico ao sacrifício de Cristo por nós todos.

Não se trata aqui de viver de acordo com os próprios interesses, mas de ter cuidado com os outros. Esse é o estilo de vida de Jesus, Timóteo e do próprio Paulo⁴⁸.

⁴⁶ Gerald F. HAWTHORNE, Ralph P. MARTIN e Daniel G. REID, *op. cit.*, 67.

⁴⁷ Cf. Ef 1, 15; Cl 1, 4; 1Ts 1, 3; 2Ts 1, 3; Fm 4-5; cf. Ef 6, 23; 1Ts 3, 6; 5, 8; 1Tm 1, 5.14; 2, 15; 6, 11; 2Tm 1, 13; 2, 22; 3, 10; Tt 2, 2).

⁴⁸ Cf. Rm 9, 3; 15, 1-3; 1Cor 9, 19-22; 10, 33-11, 1; 2Cor 1, 6; 4, 5; 6, 4-6; 8, 8-9; 12, 15; 13, 9; Gl 2, 20; Fl 1,

3. A especificidade do *amor* em 1Cor 13

O capítulo 13 de 1Cor tem o *amor* como tema central. Paulo escreve à comunidade no sentido de se situar em harmonia não tanto com a lei, mas com o *amor*. O Espírito Santo configura o *amor* com exatidão e plenitude. O desconhecimento de Deus, por sua vez, leva ao egoísmo e ao pecado. Na verdade, o *amor* vem de Deus, e quem ama nasceu de Deus e conhece Deus (1 Jo 4, 7). Do mesmo modo, quem não ama não conhece Deus, pois Deus é *amor* (1Jo 4, 8). Além disso, quem permanece no *amor* permanece em Deus, e Deus nele (1Jo 4, 16).

Paulo diz à comunidade de Tessalónica (1Ts 4, 9) que tem o ensinamento de Deus no sentido de se amarem uns aos outros, e aos Colossenses (Cl 3, 14) que o *amor* é o elo de perfeição. Por fim, Paulo lembra a Timóteo que o *amor* procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera (1Tm 1, 5).

Há uma íntima ligação entre o *amor* e a comunidade, e a ação do Espírito Santo nela. Onde o *amor* reina, tudo concorre para a edificação dos santos e para glória do Senhor. Paulo acaba de tratar, no capítulo 12, a presença do Espírito e a sua ação na comunidade, passando a tratar no capítulo 14 a ordem estabelecida pelo exercício dos dons na comunidade.

3.1. Versículos 1-3: A excelência do *amor*

Paulo mostra a excelência do *amor*, que é superior a todos os dons, mesmo aos que edificam, pois estes podem existir sem que o *amor* exista.

¹Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver *amor*, sou como um bronze que soa ou címbalo que retine. ²Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver *amor*, nada sou. ³Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado (καυχήσωμαι), se não tiver *amor*, de nada me aproveita.

Primeiramente, Paulo começa por tratar a superioridade do *amor* sobre o dom das línguas. Falar todas as línguas possíveis sem *amor* é ser como o bronze que soa ou um címbalo que retine, um som e nada mais. Em segundo lugar, Paulo trata a superioridade do *amor* sobre o dom da profecia. Ter o dom da profecia, com uma consciência interior de todos os mistérios e de toda a ciência revelada, e mesmo ter fé a ponto de transportar montanhas, se isso é desprovido de *amor*, a pessoa é deixada sem nada. Trata-se aqui do dom (carisma) da fé, e não da fé dada divinamente na pessoa de Cristo, que é inseparável da vida eterna e do *amor*. Finalmente mesmo que alguém distribua os seus bens, e entregue o seu corpo ao martírio das chamas, sem *amor*, isso não aproveita nada.

20-26; 2, 4-8; 17; 19-24; Ef 4, 32-5, 2; Cl 1, 24; 1Ts 2, 9; 1Tm 4, 12

3.2. Versículos 4-7: As qualidades do *amor*

Aqui, Paulo dá uma definição do *amor* através das suas qualidades exercitadas neste mundo. Trata-se de um *amor* ativo, pois Cristo amou ativamente.

“⁴O *amor* é paciente, o *amor* é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso; ⁵nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento; ⁶Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade; ⁷Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

No meio da provação, a paciência é o primeiro atributo do *amor*. A paciência, na verdade, mostra o efeito da bondade em vez de abrigar ideias de revolta. A grosseria é incompatível com o *amor*, pelo que importa ser lento para a ira e esquecer as ofensas que nos fazem. O *amor* implica a liberdade que tem muito a ver com não ter maldade no espírito. Por isso, nada fazer de inconveniente significa proceder com *amor* fraterno. Não esconder a sua malícia por detrás da malícia dos outros, o que provoca a alegria pela injustiça em causa, mas o contrário. Sentir compaixão pelos outros e alegrar-se com as alegrias dos outros personifica o verdadeiro *amor*.

Crer que todo o bem é possível (At 9, 27; 11, 22-26), esperar tudo, tolerar tudo (1Ts 3, 3) são modos de proceder estreitamente ligados ao *amor* que tudo suporta. O *amor* não procura nada a não ser a sua própria superioridade.

3.3 Versículos 8-10: A perpetuidade do *amor*

Paulo insiste, aqui, sobre a perpetuidade do *amor*, em contraste com os meios passageiros de testemunho ou de benção do presente.

“⁸O *amor* jamais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará, e a ciência vai ser inútil. ⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a nossa profecia. ¹⁰ Mas, quando vier o que é perfeito o que é imperfeito desaparecerá.”

Ao tratar a perpetuidade do *amor*, Paulo prova a imensa superioridade do *amor*. “As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará, e a ciência vai ser inútil”, mas o *amor* permanece. Só o *amor* se exerce em plenitude, sem depender do momento presente. O *amor* está plenamente em harmonia com a glória.

3.4. Versículos 11-12: A maturidade e o *amor*

Paulo prossegue ilustrando o conhecimento de Deus com a maturidade das fases da infância e do adulto.

“¹¹Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança. ¹²Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido. “

Paulo não lança na incerteza a nossa medida atual de conhecimento, mas expõe o seu caráter parcial em comparação com a plenitude na glória. O reflexo num espelho corresponde à possibilidade de ver de modo grosseiro, aproximado ou confuso, enquanto ver face a face permite a clareza das formas. A nossa visão atual não é, nítida, pelo que é imperfeita. No futuro, no porvir, a nossa visão será direta e, por isso, perfeita.

Há diferenças, quer na medida de conhecer, quer no modo de conhecer. Da mesma maneira, há necessidade de crescer e de aprender, pois os meios para acreditar terão desaparecido. No futuro, a verdade será plenamente conhecida, e não apreendida pouco-a-pouco como agora.

3.5 Versículo 13: A fé, a esperança e o *amor*

¹³Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o *amor*; mas a maior de todas é o *amor*.

Paulo fala das principais virtudes do cristianismo; e aqui também, o *amor* tem mais peso, ainda que as outras coisas sejam grandes.

Não há, porém, nenhuma indicação de que a fé e a esperança permaneçam durante toda a eternidade: A fé é a antecipação de ser cumprido, enquanto a esperança como a confiança é desprovida de dúvida. Fé e esperança, no futuro, projetam-se na glória.

No entanto, a Escritura não pode ser aniquilada (Jo 10, 35); ora, a fé é a convicção das coisas que não se vêem (Heb 11, 1) e a realidade que se vê não é uma esperança (Rm 8, 24). A fé e a esperança referem-se, então, ao momento presente; só o *amor* se refere tanto à eternidade quanto ao presente. O cumprimento das promessas tem a ver com a fé que está intimamente ligada à Palavra de Deus no sentido de acreditar; a esperança tem a ver com o desejar e esperar convitadamente que essa realidade se vai concretizar; o *amor* tem a ver com a relação entre todos os homens e de cada um com Deus que perdura por toda a eternidade.

Todo o N.T. mostra que fé, esperança e *amor* são os pontos de orientação do crente; o *amor* é o que tem mais relevância, pois a fé e a esperança dão-lhe essa relevância e conduzem-no por Cristo – o *amor* é, assim, o fim da fé e da esperança.

Podemos entender que a comunidade de Tessalónica experimenta o *amor* mútuo: “A respeito do *amor* fraterno não precisais que se vos escreva, pois vós próprios fostes ensinados por Deus a amar-vos uns aos outros (1Ts 4, 9). A comunidade de Corinto, porém, leva Paulo a escrever esta Carta dedicando grande parte a explicar o novo conceito cristão de *amor*, confrontando-a com comportamentos indignos muitos deles resultantes dos costumes locais e cultura da época, tais como: partidos rivais (ver capítulo I 4.1, capítulo II 1.6.2), impureza, levar os outros a tribunal⁴⁹, etc..

Os cristãos coríntios são orgulhosos do seu conhecimento, mas precisam de aprender que o *amor* edifica, enquanto o conhecimento não é um impedimento relativo ao egoísmo. É preciso que eles, imitando Paulo, se tornem servos de todos, para ganhar muita gente (9, 19), em conformidade com o *amor* que fortifica os crentes no serviço para Cristo.

⁴⁹ ver capítulo I.4.1, etc.

III. O *amor*: a questão antropológica

Introdução

O *amor* cristão eleva o relacionamento humano, como Paulo explica ao longo desta sua carta à comunidade de Corinto (1Cor) e neste capítulo procuramos analisar esta conceção revolucionária numa perspetiva antropológica.

Nas várias culturas e desde as sociedades primitivas até aos nossos dias, surgiram mudanças na forma como as pessoas se relacionam, delineados por diferentes estilos de vida que desempenham um importante papel no que concerne à estabilização de regras sociais. O *amor*, nesse movimento, portador de contínuas transformações, vem implicado de profundas mudanças no sujeito. Certamente, o *amor* envolve desejos e sentimentos muito fortes; porém, aquilo que cada um designa de *amor* também poderia ser considerado uma interpretação cultural e específica do fenómeno universal de atração e as suas implicações.

Uma antropologia do *amor* requer um olhar distanciado e crítico em relação às emoções e aos sentimentos gerados, apaixonados, mais requintados, mais refinados e vinculam-se, necessariamente, às vivências e às manifestações do *amor*.

No início está a relação no eu e tu em diálogo, é sobre esta relação viva e mútua que a comunidade se edifica e é na sua relação com Deus que recebe a resposta verdadeira, que simboliza toda a relação com o ser humano.

Na comunidade, o homem não considera o outro como um objeto mas vive com ele, o *amor* transcende a natureza física do ser amado e encontra a sua expressão mais profunda no seu próprio espírito, no seu íntimo: para se expandir, o eu tem necessidade do nós. O *amor* faz com que o homem ultrapasse a sua sensação de isolamento e de separação e, no entanto, permite-lhe ser ele mesmo, manter a sua identidade e que quando mais ama, mais se conhece em profundidade.

1. Eu e Tu em diálogo

É sabido que “o Eu e o Tu não estão somente em relação, mas em diálogo”⁵⁰. São, pois, dois interlocutores numa linguagem de *amor*. Ora, “o *amor* não pode persistir no imediato da relação; o *amor* dura, alternando atualidade e latência”⁵¹. Como só pelo ser inteiro é que pode ser pronunciada a palavra-princípio Eu e Tu, o que diz Tu não diz nada, mas está na relação e no diálogo.

⁵⁰ Martin BUBER, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959, 77.

⁵¹ *Ibidem*, 74.

Não tenho conhecimento empírico do homem a quem digo Tu, mas estou na relação com ele no “santuário” da palavra-princípio Eu e Tu. Saindo deste “santuário”, passo a conhecer o homem pela experiência porque a experiência é o distanciamento do Tu.

Eu entro em relação imediata com o Tu, uma vez que o Tu vem ao meu encontro. “É pela graça que o Tu vem a mim”⁵². O contato com o Tu é indizível: “Eu realizo-me no contato com o Tu; é tornando-me Eu que eu digo Tu”⁵³. Quando o Tu se torna presente, a presença nasce. É que o *amor* produz-se, na medida em que os sentimentos habitam o homem e o homem habita no *amor*. “No começo está a relação”⁵⁴. “No começo está a relação que é uma categoria do Tu”⁵⁵. É no face-a-face exclusivo onde não pode haver segundo plano que o Tu se manifesta no mundo. De facto, “o mundo é a tua presença, tu não tens presença enquanto não possuis este mundo de relação”⁵⁶. Como homem tornaste-te um Eu no contato com o Tu.

O instinto de relação é primário e, assim, a criança não começa por perceber o objeto com o qual entrará em relação, mas é impelida a relacionar-se com o mesmo. A criança humana, como todos os seres em formação, repousa no seio da grande mãe, no universo primitivo ainda não diferenciado e informe. “A vida pré-natal da criança é um estado de pura ligação natural, um afluxo convergente das energias, uma ação física recíproca; coisa singular, o horizonte vital do ser em transformação parece estar inscrito todo inteiro no interior do ser que o traz, mas parece também não estar inscrito”⁵⁷. Não se trata só da ligação à mãe, mas de uma ligação cósmica, uma vez que o homem é iniciado no Todo, o que subsiste nele sob a forma de desejo.

2. O mundo humano

Resposta do homem ao seu Tu, o espírito tem uma manifestação humana. Ora, “o homem fala diversas línguas (linguagem verbal, linguagem da arte, linguagem da ação) mas o Espírito é um, é a resposta ao Tu que surge no fundo do mistério, que chama do seio do mistério. O Espírito é o verbo”⁵⁸. Não estando no Eu mas na relação do Eu ao Tu, o Espírito “não é comparável ao sangue que circula em ti, mas ao ar que respiras”⁵⁹. Quando o homem sabe responder ao seu Tu, quando entra com o ser inteiro na relação, o homem vive no espírito. Em virtude da sua capacidade de relação, o homem pode viver no espírito.

⁵² Martin BUBER, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959, 13.

⁵³ *Ibidem*, 13.

⁵⁴ *Ibidem*, 18.

⁵⁵ *Ibidem*, 25.

⁵⁶ *Ibidem*, 29.

⁵⁷ *Ibidem*, 23.

⁵⁸ *Ibidem*, 32.

⁵⁹ *Ibidem*, 33.

Na palavra-princípio Eu e Tu, emerge o Eu como uma pessoa, tomando consciência de si como subjetividade. “O ser separado aparece na medida em que se distingue de outros seres separados. A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas”⁶⁰. Isto é, a pessoa constrói-se na relação.

É sobre a relação viva e mutual que a comunidade se edifica. As pessoas são religadas umas com as outras por laços de viva mutualidade, e não pelos sentimentos que nutrem umas pelas outras. A verdadeira comunidade nasce, pois, do estar em relação viva e mutual com um centro vivo.

A forma espiritual de um estado natural de desprendimento coincide com o um, enquanto a forma espiritual de um estado natural de ligação coincide com o outro. O um e o outro estão inscritos na dualidade do Eu e do Tu.

A relação participa numa realidade, o que significa que um Ser que não está unicamente nele vem unicamente fora dele, pois a realidade é uma eficiência na qual eu participo sem me apropriar dela. “Onde falta a participação, não há realidade. A participação é tanto mais perfeita como o contato do Tu é mais imediato”⁶¹.

A verdade solitária do Eu é o lugar onde nasce e cresce o desejo de uma relação cada vez mais profunda e absoluta, o desejo de participação total no Ser. A verdadeira subjetividade só pode ser compreendida de maneira dinâmica, pelo que nela morre a substância espiritual da pessoa. No contato com o Tu, “nós sentimos passar um sopro do Tu que é a vida eterna”⁶².

Quando a pessoa diz: “Eu sou”; o ser separado diz: “Eu sou assim”, o que significa que “conhece-te a ti-mesmo” é “conhece-te como ser”, enquanto para o ser separado é “conhece o teu modo de ser”. O ser separado distancia-se, pois, do Ser.

A pessoa, participando no Ser, toma consciência de si, e compreende que é como os outros seres, bem como do facto de Ser. O ser separado toma consciência de si como de um ser que é assim e não de outro modo.

Enquanto a pessoa contempla o seu *si*, o ser separado concentra-se no que é seu, dizendo: a minha espécie, a minha raça, a minha atividade, o meu génio.

O Eu da relação absoluta é o Eu pronunciado por Jesus. Nesta relação, o homem dá ao seu Tu o nome de Pai, a tal ponto que ele-próprio não é mais que Filho e nada a não ser Filho.

⁶⁰ Martin BUBER, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959, 49.

⁶¹ *Ibidem*, 49-50.

⁶² *Ibidem*, 49.

3. O Tu de Deus, fundamento do Tu humano

Como a exclusividade absoluta e a inclusividade absoluta se confundem na relação com Deus, o que entra na relação absoluta não interessa isoladamente, nem às coisas, nem aos seres, uma vez que tudo está incluído nesta relação. “Entrar na relação pura, o que não é pura abstração de toda a coisa, é ver toda a coisa no Tu; isso não é renunciar ao mundo, é pôr no mundo os seus fundamentos”⁶³.

Como poderá existir o homem se Deus não necessitar dele, e como poderás existir tu? Tu necessitas de Deus para ser, e Deus quer precisar de ti para concretizar o sentido da relação com o homem.

É sabido que o evangelho de João é o evangelho da relação pura. Há no evangelho de João a verdade do Pai e do Filho serem consubstanciais, o mesmo é dizer que Deus e o homem são consubstanciais, isto é, são uma parceria real, os dois são portadores da relação original que, de Deus ao homem, se chama missão, e do homem a Deus, se chama contemplação, e entre os dois, chama-se *amor*; relação na qual o Filho, ainda que o Pai o habite e aja nele, se inclina e ora.

Focalizado na unidade, o homem está preparado para o encontro, para entrar no mistério da salvação. O homem inteiro sem reservas é o Eu unificado, e Deus que abraça todas as coisas é o Tu ilimitado.

A relação com Deus, na qual a invocação verdadeira recebe a resposta verdadeira, simboliza toda a relação com o ser humano.

A “solidão” do Eu na presença do Tu estrutura a relação pura, em que se pode englobar o mundo no encontro, pois há continuidade entre Deus que se encontra enquanto pessoa e o homem. Ora, “o acontecimento que, visto do lado do mundo é uma reviravolta, visto do lado de Deus chama-se redenção”⁶⁴.

4. O indivíduo e o seu Tu

Jesus responde à controvérsia que existia na época sobre qual é o “grande mandamento” liga os dois mandamentos “ama o teu Deus com todas as tuas forças” e “ama o teu próximo como a ti mesmo”. É preciso, então, amar ambos, Deus e o “próximo” (quer dizer, o homem que a vida me faz encontrar); no próximo, eu devo amar o meu semelhante, devo testemunhar o *amor* como desejo que me seja testemunhado; a Deus, devo amá-lo com todas as minhas forças.

⁶³ Martin BUBER, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959, 60.

⁶⁴ *Ibidem*, 89.

Ligando os dois mandamentos, Jesus põe em evidência a verdade do A.T. segundo a qual Deus e o homem não são rivais. O *amor* exclusivo de Deus (“de todo o coração” é, porque se trata de Deus, o *amor* que encerra tudo, que está pronto a acolher e a encerrar todo o *amor*. “Deus não se redime, e mesmo quando ele “se revela”, não é a si mesmo que se revela: a sua revelação não tem n’Ele o seu objeto. Ele limita-se em toda a ausência de limites, reserva um lugar para os seres – e assim, no *amor* que se experimenta por Ele, Ele reserva um lugar para o *amor* dos seres”⁶⁵.

5. A empatia

A empatia é um modo de apreender o outro como ele é, na sua verdade objetiva. Segundo Edith Stein, “A empatia é um ato da consciência pura”⁶⁶. Sou um ser relacional. Sou tanto mais livre, quanto mais me relaciono com os outros seres. Essa liberdade torna-me pessoa realizada como tal: “Eu não sou prisioneiro da minha individualidade”⁶⁷.

Para lá das fronteiras da materialidade, o homem tem uma dimensão espiritual, e, assim, é uma pessoa: “O homem, enquanto tem uma dimensão espiritual, é uma pessoa”⁶⁸. A irmandade, em última análise, significa que “como eu concebo o outro semelhante a mim, eu percebo-me semelhante a ele”⁶⁹.

Sou um ser sensível e, ao mesmo tempo, um ser de valor, pelo que “o nível de profundidade dos sentimentos está ligado ao reconhecimento dos valores. Este elo revela a pessoa”⁷⁰. Não é a dimensão moral que nos faz amar uma pessoa, mas, sim, a sua essência pessoal. Por outras palavras, “nós não amamos uma pessoa porque ela faz o bem mas porque, enquanto pessoa é digna de valor, é digna de ser amada”⁷¹. A sensibilidade de ser-se pessoa aproxima-nos das outras pessoas. Assim, “só o que vive como uma pessoa pode compreender as outras pessoas”⁷².

Ser comunidade é ser mais que grupo; a comunidade é um organismo. “A comunidade nasce e desaparece como um organismo, um ser vivo”⁷³. Há uma interdependência vital entre indivíduo e comunidade. “O indivíduo e a comunidade dependem um do outro. Por um lado, o carácter da comunidade está dependente de particularidades

⁶⁵ Martin BUBER, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959, 163-164.

⁶⁶ Thibault Van Den DRIESSCHE, *L’Alterité, fondement de la personne humaine dans l’oeuvre d’Edith Stein*, Uitgeverij Peeters, Leuven, 2008, 60.

⁶⁷ *Ibidem*, 70.

⁶⁸ *Ibidem*, 72.

⁶⁹ *Ibidem*, 72.

⁷⁰ *Ibidem*, 73.

⁷¹ *Ibidem*, 74.

⁷² *Ibidem*, 77.

⁷³ *Ibidem*, 91.

individuais dos membros e da sua estrutura típica. Por outro lado, o indivíduo está condicionado pela sua pertença comunitária”⁷⁴. “Na comunidade, o homem não considera o outro como um objeto mas vive com ele. Quando duas pessoas se encontram, dois fluxos de vida encontram-se e unem-se, sem os sujeitos perderem a sua individualidade. Cada um experimenta então um alargamento da sua própria vida, um fluxo de novas experiências, de novos valores... Aparecem atos que não chegam à vida da alma solitária”⁷⁵. Na verdade, os atos comunitários expandem a realidade individual das pessoas e, sinergicamente, o todo é mais do que a soma das partes. Para se expandir, o eu tem necessidade do nós. “O indivíduo tem necessidade da comunidade para se desenvolver e se libertar da sua solidão”⁷⁶.

6. O homem em busca de sentido

O *amor* transcende a natureza física do ser amado e encontra a sua expressão mais profunda no seu íntimo. A percepção do amor-próprio está tão profundamente vinculada ao que é mais elevado e mais espiritual, que não pode dissociar-se de modo algum.

A vida é algo muito real e concreto, e não algo vago. Cada homem vive um destino que não pode comparar-se ao de outro homem. Cada vida é distinta e única. Viver em plenitude é assumir os desafios da existência. A liberdade espiritual é um bem inalienável. “O homem pode conservar um vestígio da liberdade espiritual, de independência mental, também nas terríveis circunstâncias de tensão psíquica e física”⁷⁷.

“O *amor* constitui a única maneira de apreender outro ser humano no mais profundo da sua personalidade. Ninguém pode ser totalmente conhecedor da essência de outro ser humano se não o ama. Pelo ato espiritual do *amor* é-se capaz de ver os traços e rasgos essenciais na pessoa amada; e o que é mais, ver também o seu potencial: o que todavia não se revelou, há que mostrar-se. Todavia mais, mediante o seu *amor*, a pessoa que ama possibilita ao amado a que manifeste o seu potencial. Ao fazê-lo consciente do que pode chegar a ser, logra que esse potencial se converta em realidade”⁷⁸. O homem é um ser voltado para o futuro. “O homem não se limita a existir, mas decide sempre qual será a sua existência e o que será no momento seguinte”⁷⁹. “O homem transcende-se a si-mesmo; o ser humano é um ser auto-transcendente”⁸⁰.

⁷⁴ Thibault Van Den DRIESSCHE, *L'Alterité, fondement de la personne humaine dans l'oeuvre d'Edith Stein*, Uitgeverij Peeters, Leuven, 2008, 92.

⁷⁵ *Ibidem*, 92.

⁷⁶ *Ibidem*, 95.

⁷⁷ *Ibidem*, 95.

⁷⁸ *Ibidem*, 110.

⁷⁹ *Ibidem*, 110.

⁸⁰ *Ibidem*, 125.

7. A arte de amar

O *amor* amadurecido não tem nada a ver com a união simbiótica, uma vez que é “uma união sob a condição de preservar a integridade e a individualidade de cada um”.⁸¹

“O *amor* é um poder ativo no homem; um poder que atravessa as fronteiras que separam o homem do seu semelhante, um poder que o une a outrem. O *amor* faz com que o homem ultrapasse a sua sensação de isolamento e de separação e, no entanto, permite-lhe ser ele mesmo, manter a sua integridade. No *amor* dá-se um paradoxo: dois seres transformam-se num só e, no entanto, continuam a ser dois”⁸².

Os elementos básicos inerentes ao carácter ativo das várias formas de *amor* são os seguintes: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento⁸³: “O *amor* é um cuidado ativo pela vida e pelo crescimento daquilo que amamos”⁸⁴.

“Quanto mais penetramos nas profundezas do nosso ser, ou do ser de outrem, mais o objectivo do conhecimento nos escapa. Mas não conseguimos deixar de querer aceder ao segredo da alma do Homem, ao núcleo último do que ‘ele’ é”⁸⁵.

Quando amo, conheço em profundidade: “No ato de amar, de me entregar, de penetrar a outra pessoa, eu descobro-me a mim, descobro-nos a ambos, descobro o Homem”⁸⁶. Esta experiência é de entrega, de conhecimento e de união.

Para Erich Fromm, “o *amor* não é essencialmente uma relação com uma pessoa específica; o *amor* é uma atitude, é uma orientação do carácter que determina a capacidade de uma pessoa se relacionar com o mundo na sua totalidade, e não apenas com um ‘objecto’ de *amor*.”⁸⁷ Amar verdadeiramente uma pessoa é amar todas as pessoas, é amar a vida⁸⁸.

O *amor* fraterno é o tipo de *amor* de que fala a Bíblia quando diz: “Ama o próximo como a ti mesmo.” O *amor* fraterno consiste no *amor* por todos os seres humanos, sem exclusividade. No *amor* fraterno desenvolvo a minha capacidade de amar, e não posso deixar de amar os meus irmãos. Por isso, experimento a união com todos os homens, a comunhão humana. Há uma identidade essencial que é comum a todos os seres humanos e é esta que importa, enquanto as diferenças pouco importam. Experimento esta identidade quando ultrapasso a superfície e atinjo o centro do ser, então apercebo-me da nossa irmandade.

⁸¹ Erich FROMM, *A arte de amar*, Pergaminho, Cascais, 2005, 29.

⁸² *Ibidem*, 29.

⁸³ *Ibidem*, 34.

⁸⁴ *Ibidem*, 35.

⁸⁵ *Ibidem*, 37.

⁸⁶ *Ibidem*, 39.

⁸⁷ *Ibidem*, 52.

⁸⁸ *Ibidem*, 53.

O *amor* fraterno é o *amor* entre iguais. Mas, por vezes, estamos indefesos, uma vez que ser humano é necessitar de ajuda. Estar indefeso é uma condição transitória.

O *amor* pelos indefesos é, no entanto, o princípio do *amor* fraterno: “Na compaixão por aquele que está indefeso, o homem começa a desenvolver o *amor* pelo seu irmão”⁸⁹.

Para Erich Fromm, “quem for capaz de amar, hoje em dia, é necessariamente uma exceção à regra; o *amor* é, necessariamente, um fenómeno marginal na sociedade ocidental contemporânea”⁹⁰.

A prática do *amor* tem as seguintes marcas: disciplina, concentração e fé. A disciplina implica estar preparado para o *amor*, sendo um instrumento na prática da arte do *amor*. A concentração significa estar a sós consigo mesmo como pré-requisito para a capacidade de amar, e, ainda, estar concentrado em todas as atividades do dia-a-dia. “Ter fé” noutra pessoa significa ter a certeza de que há nela um centro imutável de consciência que permanece ao longo da vida.

“Amar significa comprometer-se sem garantias, entregar-se completamente, na esperança de que o nosso *amor* faça com que a pessoa amada nos ame também. O *amor* é um ato de fé e quem tem pouca fé tem pouco *amor*”⁹¹.

8. Ter-se *amor*

O *amor* tem dois significados, consoante nos referimos ao modo *ter* ou *ser*. Para que fosse possível ter-se *amor*, o *amor* teria de ser uma coisa, uma substância, mas não existe essa coisa chamada “*amor*”.

“*Amor*” é uma abstração, talvez uma deusa ou um ser de natureza diferente, embora nunca ninguém o tenha visto. Na verdade existe apenas o ato do *amor*. Amar é uma atividade criadora. Supõe preocupação com o outro, conhecimento, resposta, afirmação, gosto pela pessoa, a árvore, o quadro ou a ideia que se ama. Implica trazer à vida, aumentar a alegria, dele ou dela. É um processo de auto renovação e auto crescimento”⁹².

Quando o *amor* é vivenciado no modo *ter*, manifesta a necessidade de controlar o objeto “amado”. Quando o *amor* está ligado ao possuir, não é doador de vida, antes é sufocante e maléfico. Aquilo a que muitos chamam *amor* esconde muitas vezes a falta do *amor*, pois até há pais incapazes de *amor* como constatamos olhando à nossa volta: violência, tortura psicológica, indiferença e possessividade absoluta.

⁸⁹ Erich FROMM, *A arte de amar*, Pergaminho, Cascais, 2005, 55.

⁹⁰ *Ibidem*, 131.

⁹¹ *Ibidem*, 127.

⁹² Erich FROMM, *Ter ou ser?*, Editorial Presença, Barcarena, 2002, 51-52.

9. O desenvolvimento da pessoa

A aceitação de mim mesmo tal como sou, permitindo que a outra pessoa se dê conta disso, não é fácil nem totalmente conseguida.

É muito significativo experimentar o interesse por outrem e aceitar estar ligado a ele como a uma pessoa por quem temos sentimentos positivos. Quando me percebo como uma pessoa separada, descubro que me posso dedicar a compreender outrem e a aceitá-lo, pois não corro o risco de eu próprio me perder.

Se eu não julgar o outro no meu íntimo, posso libertá-lo, no sentido de fazer dele uma pessoa que assume as suas próprias responsabilidades. Desenvolvendo um processo empático, as mudanças na outra pessoa podem acontecer. É importante que o outro encontre em mim uma pessoa real.

Sabemos que se eu adoto interiormente face-a-face com o outro uma atitude de profundo respeito, de aceitação total do outro tal qual é, e de confiança nas capacidades potenciais do outro a resolver os seus próprios problemas; que se estas atitudes estão impregnadas de calor suficiente para as transformar numa simpatia ou afeição profunda para a pessoa na sua essência; que se um nível de comunicação é esperado onde outro pode começar a perceber que eu compreendo os sentimentos que ele experimenta e aceito-os em profundidade, então nós podemos estar seguros que o processo já está em marcha⁹³.

Ao princípio sou um eu que difere de toda a minha experiência, muito mais tarde sou um eu que pode ser a minha experiência inteira. O que na verdade importa é eu fazer a experiência de mim-mesmo. Pergunto-me, então: poderei ser uma pessoa fundamentalmente positiva? O eu não existe senão no instante, com uma consciência reflexiva. O eu está, subjetivamente, no momento existencial. Importa assumir toda a complexidade e fluidez do seu ser, a cada momento.

Para Carl Rogers, “estar implicado no processo de se tornar si-mesmo é uma experiência profunda de escolha pessoal”⁹⁴.

⁹³ Carl ROGERS, *Le développement de la personne*, Dunod, Paris, 1967, 60.

⁹⁴ *Ibidem*, 157.

10. Conclusão

Para superar os limites do eu, o eu tem necessidade de nós. O *amor* altera o eu, ultrapassando a sensação de isolamento que vem desde o mito de Platão, mas também lhe permite ser ele mesmo e manter a sua integridade, e, amando, conhece em profundidade. Há uma palavra-princípio, a partir da qual se diz Eu e Tu, mas o Tu cala, ainda que esteja em relação e no diálogo com o Eu.

No início está a relação. Os sentimentos habitam o homem e o homem habita o *amor*. Para ser inteiramente homem, o mundo é a tua presença. Ao dizer Tu, estou a tornar-me Eu e realizo-me, ao possuir este mundo de relação. O instinto de relação é primário, pois a criança é impelida a relacionar-se com o objeto com o qual entrará em relação. Trata-se da ligação à mãe e, ainda, de uma ligação cósmica que subsiste sob a forma de desejo.

Respondendo ao seu Tu e entrando com o ser inteiro na relação, o homem vive no espírito. A relação com Deus, na qual o homem está preparado para o encontro e para entrar no mistério da salvação. O homem inteiro sem reservas é o Eu unificado, enquanto Deus é o Tu ilimitado.

A pessoa constrói-se na relação. O Eu da relação absoluta é o Eu pronunciado por Jesus. Para Paulo, a construção da pessoa diz respeito ao mundo greco-romano, e o cristianismo não é senão a construção que eleva a pessoa ao ser cristão. Como cristão, o homem solta as amarras do pecado, ainda que continue pecador, o homem avança, apesar das suas fragilidades, e vive no *amor*.

O *amor* amadurecido é distinto da união simbiótica. No *amor* dá-se um paradoxo: dois seres transformam-se num só e, no entanto, continuam a ser dois. O *amor* é um cuidado ativo pela vida e pela evolução daquilo que amamos. A experiência de entrega é a experiência de *amor*. Quando amo, conheço em profundidade, descubro-me a mim, descubro-nos a ambos, descubro o Homem. Amar verdadeiramente uma pessoa é amar todas as pessoas, o que está implicado numa experiência profunda de escolha pessoal. Amar em sintonia com os sentimentos do outro é estar implicado.

IV. O *amor* como código de vivência cristã

Introdução

Neste capítulo, analisaremos o *amor* em sentido amplo e em sentido estrito, focalizando-o como código de vivência cristã que Paulo explica ao longo desta carta (1Cor), interpretando a “Boa Nova” dos ensinamentos de Jesus Cristo.

A vivência cristã radica na mensagem e no testemunho de Cristo, que eleva a um novo patamar o legado do Antigo Testamento. É verdade que Cristo retoma textualmente o Antigo Testamento, quando faz o convite a amar (cf. Mc 12, 28-34 par.), mas amplia o *amor* do homem com o seu semelhante ao fazer o convite, por exemplo, a amar os inimigos (cf. 5, 42-48) indo para além do Antigo Testamento.

O *amor* revela-se na qualidade da relação do homem com o seu semelhante e, assim, do homem com Deus. “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” 1Jo 4, 20. E na Cruz, Jesus dá a maior prova de *amor*: “Ninguém tem maior *amor* que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13).

A ética de Jesus, logo o *amor* de Jesus, exprime-se nas suas palavras, nas suas atitudes, nos seus atos, até mesmo na aceitação da sua morte na cruz. O *amor* começa por ser um impulso. É o Espírito que nos impulsiona para amarmos, como veremos adiante. O *amor* também é vontade – querer bem ou querer o bem. Daí amar os inimigos é um novo desafio, uma vez que, pela vontade natural, não é fácil perdoar e querer bem aos que nos odeiam.

É neste enquadramento que Paulo explica o sentido do *amor* cristão. A grande preocupação de Paulo consiste em levar o Evangelho, pregado no ambiente da Palestina, para o mundo greco-romano. A carta de Paulo está marcada pela cultura de então mas continua atual. Está alicerçada nos princípios básicos da fé cristã e oferece-nos uma teologia aplicada ao concreto da vida cristã que justifica completamente o interesse e a atualidade desta Carta, interpretando a vivência cristã que radica na mensagem e no testemunho de Cristo, que eleva a um novo patamar o legado do Antigo Testamento.

Corinto era a “cidade de Afrodite e a sua veneração tinha a ver com rituais dominados pela imoralidade, que estavam a influenciar os coríntios cristãos, bem como as diferentes correntes filosóficas da época. Paulo apresenta o novo conceito cristão da boa nova de Jesus, dedicando ao *amor* todo o capítulo 13.

1. O *amor*, identidade de Jesus

Deus é *amor* (1 Jo 4, 8, 16; 2Cor 13, 11, 13) e é por *amor* que gerou os seus filhos (1Jo 3, 1), a sua semente permanece neles (v. 9); como é que os filhos amados de um Pai amante não serão todos *amor* (4, 11), pois comunicando-lhes a sua própria vida, Deus derramou no seu coração o seu próprio *amor*⁹⁵? Portanto, podemos dizer que Deus em Jesus é *amor*. Jesus ama com a mesma intensidade e do mesmo modo que Deus-Pai ama. É por se sentir tão amado pelo Pai que Jesus amou (e ama), como está sublinhado, quer no episódio do batismo (Mt 3, 17; Mc 1, 11; Lc 3, 22), quer no da transfiguração (Mt 17, 5; Mc 9, 7; Lc 9, 35), quer na cruz (Lc 23, 34, Jo 19, 26-27).

O cristão só pode seguir a exigência da sua natureza de regenerado: um filho de Deus não pode ter outra norma de vida que uma *moral de amor*⁹⁶. O mesmo é dizer que um filho amado do Pai só pode amar, e, assim, ter o *amor* como código de vivência cristã. Na verdade, ser cristão é ser de Cristo, é ser sua pertença, o que não implica a posse, mas o *amor*. Sendo amado, o cristão necessariamente ama, amando todos os homens, como veremos adiante.

Jesus pedirá, então, que se distinga os seus autênticos discípulos pelas realizações do seu *amor* (Jo 13, 34-35; 15, 12)⁹⁷. Falará de um mandamento novo ou do seu mandamento, pondo em evidencia que o paradigma do *amor* é a sua própria ética levada até às últimas consequências (cruz).

O *amor* de Deus torna o *amor* possível, exige-o, e chama os outros amores a responder ao seu *amor*. O *amor* estende-se a todos os homens que constitui como irmãos. De facto, estabelece-se uma linha horizontal de relações de proximidade, de amizade e de *amor* universal. O *amor*, para o Nazareno, é sem limite e eminentemente próximo e concreto. É o que ilustra de modo muito particular a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 29-37)⁹⁸: “Amar é deixar-se amar pelo próximo concreto e “próximo” que Deus põe no nosso caminho”⁹⁹.

Toda a moral do seu reino, com efeito, consiste em amar Deus e o seu próximo “de coração”, quer dizer religiosamente e ternamente. Ora esta faculdade de ligação entre os membros da família de Deus é “o *amor* seguido de um coração puro” (1Tm 1, 5; cf. 2, 15; 4, 12). É precisamente porque o cristão é profundamente purificado que ele permanece apaixonado pelo seu tesouro (Mt 6, 21)¹⁰⁰.

⁹⁵ C. SPICQ, *Théologie Morale du Nouveau Testament*, J. Gabalda et C^{ie}, Editeurs, 1970, 759-760.

⁹⁶ C. SPICQ, *Théologie Moral du Nouveau Testament*, J. Gabalda et C^{ie}, Editeurs, 1970, 759-760.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 760.

⁹⁸ Cf. J. F. COLLANGE, *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Génève, 1980, 140.

⁹⁹ *Ibidem*, 141.

¹⁰⁰ Cf C. SPICQ, *Théologie Moral du Nouveau Testament*, J. Gabalda et C^{ie}, Editeurs, 1970, 779-780.

O *amor* é paciente como diz Jesus na parábola do *amor* do Pai (Lc 15, 11-32), e como explica Paulo (1Cor 13, 4)¹⁰¹. Na parábola referida, o Pai ama igualmente os dois filhos, respeitando os diferentes modos de ser de cada um. O *amor* do Pai é desmedido, apaixonado, pois *todo o seu coração, toda a sua alma, todo o seu espírito e toda a sua força* são mobilizados no sentido daqueles que ama.

Amar não é uma prova de fraqueza. Há violência no *amor*. Jesus diz que quem ama pai e mãe mais do que a ele não é digno de si (cf. Mt 10, 34-38 e Lc 14, 26-28). Jesus diz também que veio lançar fogo à terra (cf. Lc 12, 49-53). Ora, este fogo não é senão a violência do *amor*.

2. O vocabulário paulino do *amor*

Na tradição paulina, os termos da família *ágape* encontram um terreno de eleição; encontram-se 75 vezes o substantivo *ágape*, 33 vezes o verbo *agapaw* e 27 vezes a adjetivo *agapetos*¹⁰².

Na maior parte dos casos, a versão dos LXX traduz o hebreu *'hb* por *agapaw*. Este verbo cobre uma gama de sentidos muito variado, correspondendo ao português “amar”. O *amor* caracteriza essencialmente as relações interpessoais¹⁰³.

O *amor* de Cristo revela-se (2Cor 5, 14-15) no acontecimento em que “um só morreu por todos”, pelo que os vivos vivem por Aquele que morreu e ressuscitou por eles (cf. 2Cor 5, 15). Ora, este *amor* é reconciliação (2Cor 5, 18-20). A cruz é o ato pelo qual “Deus, em Cristo, reconciliou o mundo com ele” (2Cor 5, 19).

O *amor* de Deus manifesta-se de dois modos: por um lado, no dom que Jesus Cristo, “morto por todos”, faz de si-mesmo na cruz; por outro lado, na edificação duma comunidade que vive do *amor* reconciliador.

“O verdadeiro sujeito do *amor* é Deus. É o seu *amor* “que foi derramado nos nossos corações” (Rm 5, 5); é este *amor* que nos dá prova na cruz (Rm 5, 8), de maneira que “se Deus é por nós...” (Rm 8, 31), “Nós somos mais que vencedores por Aquele que nos amou” (Rm 8, 37) e “nada nos poderá separar do *amor* de Deus manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 8, 39)¹⁰⁴.

O *amor* de Cristo é o *amor* de Deus que se revela na encarnação, na humildade do “filho de Deus” e na sua morte (Fl 2, 8) que se entregou pelos nossos pecados.

¹⁰¹ J. F. COLLANGE, *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Génève, 1980, 133.

¹⁰² *Ibidem*, 145.

¹⁰³ *Ibidem*, 147-148.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 150.

Mas o *amor* de Deus em Cristo revela-se hoje ainda, pois, pelo Espírito, edifica-se uma comunidade, radicada em Cristo, em que cada um vive para os outros, e não para si-mesmo.

Os “dons” são o efeito do Espírito de Deus sobre a comunidade. O Espírito toca no íntimo dos membros da comunidade e atua no “coração” de todo o cristão. O *amor* é o “fruto do espírito” (Gl 5, 22) que se afirma lei de Cristo, cujo cumprimento consiste em “suportar os fardos uns dos outros”: “O *amor* paulino é, antes de mais, comunitário. Trata-se de amar a comunidade em que se está, para, a partir dela, amar as outras comunidades. É um caminho do mais singular ao mais plural, começando no “*amor* fraterno” que incita à reciprocidade (1Ts 4, 9; Rm 12, 19). O mandamento do *amor* do próximo deixado pelo Mestre é assim na primeira linha o do *amor* ao irmão cristão. Do mesmo modo, o *amor* fundador de Deus e de Cristo dirige-se sobretudo a um “vós” ou a um “nós” comunitário”¹⁰⁵.

Mas o *amor* paulino não é só comunitário. No sentido da reciprocidade, vem de Deus e volta-se para Deus; expresso no Antigo Testamento pela relação homem-mulher, aplica-se a esta relação nas epístolas; trata-se, aqui, de amar “todos os homens”, sem exceção, ou melhor, sem exclusão.

3. O *amor* em 1Cor

“O hino” ao *amor* que nos é apresentado põe em relevo três grandes características suas. O *amor*, diz então Paulo, valoriza e dá sentido (1Cor 1-3); este sentido descobre-se numa ação (1Cor 4-7) que traça o filigrana do mundo a vir onde “nós conheceremos verdadeiramente como somos e somos verdadeiramente conhecidos” (1Cor 8-12 (13). Estes três tempos fortes permitem, com efeito, reagrupar diferentes notações paulinas sobre os atos de *amor*¹⁰⁶: “O *amor* dá primeiramente sentido. (...) Sem o *amor* não há senão incompletude, daí *non-sens*, mesmo e sobretudo para o que é de lei do qual a realização (pleroma) quer dizer o sentido (Rm 13, 10; cf. Gl 5, 14; 6, 2)”¹⁰⁷.

O *amor* não pode ser separado da lei. O *amor* é *caminho* (*odos*: 1Cor 12, 31); exprime-se em gestos concretos. A ação do *amor* revela-se no esquecimento de si e abertura ao outro, realizando o impulso de liberdade (Gl 5, 13; cf. 1Cor 8, 1-13).

O *amor* que acolhe “alegra-se com a verdade”, pelo que acolher alguém é alegrar-se com ele. Ora, a alegria do encontro acontece de uma maneira transparente. A parábola do *amor* do Pai (Lc 15, 11-32) traduz esta realidade...

¹⁰⁵ J. F. COLLANGE, *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Génève, 1980, 153.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 155-156.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 156.

Paulo pode dizer que o *amor* “não acaba nunca” (1Cor 13, 8) ou ainda que, como a fé e a esperança, *permanece* (1Cor 13, 13).

O *amor* é, em última análise, realidade escatológica; como tal concretiza numerosas realidades últimas no seio das realidades penúltimas; no entanto, não num sentido *extático* mas na medida em que põe o presente a caminho até ao futuro. O *amor* é, como já referimos, *caminho* (1Cor 12, 31) sobre o qual se avança (Rm 14, 15; Ef 5, 2; cf. 2Ts 3, 5). Há, então, uma caminhada no *amor*¹⁰⁸.

Esta caminhada faz-se na direção do “dia de Cristo”, assumindo totalmente a condição humana, a fim de a transformar.

O *amor* é uma procura paciente e lúcida, que implica um discernimento. Não é tanto *ciência* (gnosis) como *conhecimento* (epignosis) do outro e do mundo. Conhecer (amar) é primeiramente ser conhecido (1Cor 13, 12).

Como a adesão à pessoa de Cristo será simultaneamente abertura e compromisso ético segundo o *caminho de Cristo*, o *ágape* não será só um carisma “maior” mas algo que se situa ao nível profundo do ser cristão: “Paulo quer fazer presente que toda a atividade realizada “em Cristo” (ou no Espírito) implica a totalidade do sujeito e, portanto, a sua responsabilidade pessoal diante de Deus e dos demais”¹⁰⁹.

O *ágape* paulino retoma os grandes traços do *amor* do Nazareno: este *amor* é ação de Deus que se revela através de Jesus (Cristo) e estende-se a todos os homens dos quais faz de cada um uma pessoa; este *amor* afirma-se exigente, chamando a dar, a perdoar, a acolher sem cálculo e mesmo a amar os seus inimigos. O *amor* do Nazareno tem mais violência que o *ágape* paulino, exprime-se de modo mais concreto, trata-se mais do que não se diz¹¹⁰.

A verdadeira profundidade do *amor* do Nazareno encontra-se na entrega na *cruz*, à qual o conduziu a sua solidariedade com os pobres e com os marginais que Paulo explica nas suas cartas. O seu projeto e a sua presença no mundo, dados imediatos da tradição sinóptica, encontram-se revelados nas epístolas pela existencia duma *comunidade* da qual “o elo perfeito é o *amor*”¹¹¹.

Se o *amor* toma forma humana como nunca o fora, expresso nos feitos e gestos do Galileu morto em Jerusalém, é em Antioquia que nasce o *ágape* cristão, projeto comunitário de transformação do mundo¹¹².

¹⁰⁸ J. F. COLLANGE, *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Génève, 1980, 159.

¹⁰⁹ Lorenzo Alvarez VERDES, *Caminar en el espíritu*, Editiones Academiae Alphonsonianae, Roma, 2000, 307.

¹¹⁰ J. F. COLLANGE, *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Génève, 1980, 160.

¹¹¹ *Ibidem*, 160.

¹¹² *Ibidem*, 161.

4. O *amor* em 1Cor 13

Partindo da constatação que Paulo assume no mandamento do *amor* da tradição da comunidade (cf. Rm 12, 13ss com Mt 5, 39. 44), mostramos a tradição e a nova interpretação, ambos os elementos, direcionados para a comunidade greco-romana – à qual Paulo escreve – na situação pós-pascal. Isto também é evidente em 1Cor 8.10.13. Na verdade, o mandamento de *amor* de Jesus histórico transformou-se no mandamento de *amor* de Cristo e de Paulo¹¹³.

A efusão do Espírito aprofundou, ainda, a noção de *amor*. Este não é um esforço moral, mas uma transformação interior, que se realiza conosco pela graça de Deus. O *amor* é o mais elevado dos bens desejáveis (1Cor 13, 1-3, 8-13), um fruto do Espírito (Gl 5, 22)¹¹⁴.

Como já vimos em 1Cor 8 e 10, Paulo pode unir intimamente *Spirito* e *agape*. De acordo com 1Cor 13, o *amor* supera amplamente o mais sublime dos dons do Espírito, porque sem o *amor* todos os carismas seriam estéreis e vãos. O *amor* é ainda maior que a fé e a esperança (1Cor 13, 13).

O *amor* é um “fruto do Espírito” (Gl 5, 22), quer dizer, o *amor* é inspirado pelo Espírito (Gl 1, 8); pode, então, chamar-se “*amor* do Espírito” (Rm 15, 30), “infuso nos nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5, 5). Esta realidade tem sentido escatológico – o *amor* é e produz vida nova. Trata-se de uma vida impregnada pelo Espírito. O *amor* divino une Deus e o homem e concretiza-se nas ações dos cristãos, sendo, ao mesmo tempo, divino e humano. Pode ser, na verdade, descrito como atividade dos cristãos (1Cor 13, 4-7).

Paulo intuiu a essência do *amor*, buscando a cruz de Cristo. O *amor* de Cristo é um *amor* que se sacrifica, se dedica e serve. Sobre este ponto, a ética e a teologia da cruz de Paulo estão em íntima dependência mútua¹¹⁵.

Paulo deu, então, uma motivação *crisológica* ao mandamento do *amor*, como mostra o hino de Fl 2, 5ss, inserido na sua parêntese: Jesus renunciou ao seu ser divino e fez-se um servo obediente até à morte na cruz. Por esta razão, como homens que vivem em Cristo, os filipenses devem praticar a humildade de que Cristo deu exemplo, pelo que devem amar o outro mais que a si-mesmos¹¹⁶.

A comunidade inteira deve ser plena de *amor* e o indivíduo não deve pensar no seu interesse, mas no dos outros (Fl 2, 1ss). Nesta exortação, vê-se o modelo da cruz de Cristo e, assim, a reinterpretação pós-pascal do mandamento do *amor* por Paulo.

¹¹³ Cf. Heinz-Dietrich WENDLAND, *Etica del Nuovo Testamento*, Paideia Editrice, Brescia, 1975, 100.

¹¹⁴ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Le Message Moral du Nouveau Testament*, Editions Xavier Mappus, Le Puy-Lyon-Paris, 1963, 199.

¹¹⁵ Cf. Heinz-Dietrich WENDLAND, *Etica del Nuovo Testamento*, Paideia Editrice, Brescia, 1975, 101.

¹¹⁶ *Ibidem*, 101.

Em 1Cor 13, o *ágape* surge como uma realidade escatológica e pneumática. O *amor* de Deus, de Cristo e dos cristãos são, no fundo, *ágape* - o igual e mesmo *amor*. Sendo *amor* de Deus e de Cristo, revela-se puro como ação e comportamento dos cristãos: “Quando em Gl 5, 6 Paulo pensa a relação entre fé e *amor*, ele fala daquela fé que age mediante o *amor* e é neste sentido que para ele as obras estão contidas na fé. Ele não conhece um *amor* que não seja ativo e ainda nisso segue a tradição de Jesus; nem se encontra rasto nele do *amor* enquanto simples “sentimento”¹¹⁷.

“Sendo uma realidade teandrica, o *ágape* resiste a toda a tentativa de espiritualização unilateral. Só assim pode tornar-se a coroa e o cumprimento de todos os outros dons do Espírito (1Cor 13, 1ss). Sem o *amor* ativo e operante, não têm qualquer valor a sabedoria, o conhecimento, a fé milagrosa, a generosidade da esmola ou o martírio”¹¹⁸.

Do mesmo modo, a relação do *ágape* com a justiça entendida como virtude ético-social foi tratada mais tarde pela ética cristã. De acordo com o pensamento veterotestamentário-judaico, “verdade” significa justiça, que é comportamento querido por Deus e conforme a sua vontade. A afirmação de Paulo que o *amor* não se regozija com a injustiça mas com a “verdade” (1Cor 13, 6) tem subjacente a tradição.

A virtude de um bom comportamento civil é assumida no *ágape*. O bem moral civil e social deve ser respeitado, protegido e promovido (Rm 13, 3-4). Os cristãos – diz Paulo aos Filipenses – devem procurar a virtude e o que dá louvor e bom nome entre os homens (Fl 4, 8). Paulo diz – “A vossa bondade seja um sinal para todos os homens” (Fl 4, 4), e este chamamento ao *amor* sem exclusão está associado ao anúncio escatológico: “O Senhor está próximo” (Fl 4, 5).

As obras do *amor* são do dia-a-dia, não são heroicas nem surpreendentes, pelo que o cristão não as pratica para brilhar ou exhibir-se. O cristão faz o que o irmão ou o próximo precisa, o que pode exigir uma renúncia de si mesmo.

Paulo exalta o *amor* como uma via que traz muito mais longe que outra (1Cor 12, 31) e honra-a com título de “vínculo da perfeição” (Cl 3, 14), fazendo emergir, de novo, o caráter transmoral. Do mesmo modo, nesta afirmação, entende-se bem que Paulo reconheça no *amor* o cumprimento da lei (Rm 13, 8ss; Gl 5, 14) e interprete por princípio a lei partindo do *amor* e não o *amor* partindo da lei, como faz o judaísmo¹¹⁹.

¹¹⁷ Heinz-Dietrich WENDLAND, *Ética del Nuovo Testamento*, Paideia Editrice, Brescia, 1975, 102.

¹¹⁸ *Ibidem*, 102.

¹¹⁹ *Ibidem*, 106.

A partir da descrição que Paulo fez do *ágape* no hino ao *amor* de 1Cor 13, nomeadamente vv. 4-7, podemos constatar que o conjunto de virtudes cristãs são expressões do único *ágape*: “O *amor* é paciente, o *amor* é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

A epístola aos Gálatas, por sua vez, opõe às “obras da carne” o único fruto do Espírito que é “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto domínio” (Gl 5, 22-23).

Já a epístola aos Colossenses resume todo este ensinamento, quando, ao fim de uma longa exortação, Paulo acrescenta: “acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição” (Cl 3, 14): o *amor* é o elo que “reúne como num feixe as virtudes que constituem a perfeição”¹²⁰.

¹²⁰ Cf I. de la POTTERIE e S. LYONNET, *La vie selon l'Esprit*, Cerf, Paris, 1965, 223.

V. Conclusão

No tempo de São Paulo, séc. I d.C., a cidade de Corinto era próspera, contava talvez com meio milhão de habitantes e tinha um notável desenvolvimento comercial devido à sua localização geográfica. Destacava-se como veneração predominante o culto a Afrodite, a deusa do amor, da sexualidade e da beleza corporal.

Entre os anos 50 e 52 Paulo, vindo de Atenas (At 17, 32), na sua segunda viagem missionária, fundou a igreja de Corinto, uma vez que Corinto o atraía por causa das suas gentes necessitadas de evangelização. A igreja era, então, constituída por variadas raças e culturas, sobretudo por gente simples, das classes baixas (pobres e escravos).

Paulo escreveu aquela que é hoje, para nós, a Primeira Carta aos Coríntios por causa das desordens, divisões na comunidade de Corinto e das influencias culturais e filosóficas.

As influências tinham origem nos costumes de uma cidade dominada pela idolatria, pela imoralidade, pela corrupção e pelos cultos pagãos, nomeadamente a Afrodite que eram orgias e que não seguiam regras de decência nem de organização.” (cf. p 7). Outro dos principais problemas dentro da igreja era o das divisões, ou seja, a formação de partidos: os de Paulo, os de Apolo, os de Céfás e os de Cristo.

Partindo de conceitos que são importantes para os coríntios, tais como, o seu orgulho no dom de falar várias línguas, muito importante numa cidade que vive do comércio entre diferentes povos, Paulo relativiza a sua importância com outros dons, como o dom da profecia, os dons espirituais, para depois ao concluir o capítulo 12, afirmando: “mostrar-lhes-ei um caminho mais excelente” (12, 31b), e com estas palavras, introduz o que nos vai dizer acerca do *amor* no capítulo 13, inspirado nos ensinamentos de Jesus Cristo.

1Cor 13 é o grande capítulo do *amor* e, ainda que a língua grega use três palavras diferentes para “amor” *eros*, *philos* e *ágape*, Paulo usa *ágape* exclusivamente. Das mesma forma, quando Jesus diz que os dois mandamentos mais importantes são “ama o Senhor teu Deus” e “ama o teu próximo como a ti mesmo”, usa o verbo *agapao*.

O texto 1Cor 13, 1-13 subdivide-se, estruturalmente, em três partes: versículos 1-3; versículos 4-7; versículos 8-13. Alguns cristãos coríntios pensam que falar línguas é o dom mais elevado, mas Paulo diz que só falar sem a sua interpretação não dá fruto e sem *amor* só faz ruído. Coloca o dom da profecia acima, mas diz que sem *amor* não tem valor nem é atribuído valor ao profeta e embora eleja, por fim, o dom da entrega de bens, ou mesmo de si-próprio imolando-se, se for sem *amor*, não tem valor, colocando assim o *amor* como dom supremo.

A caverna platônica¹²¹ vela a tríade “verdade, bem e belo”. É necessário que o homem e a mulher, isto é, que o ser humano se revele enquanto tal. Para isso, necessita de ser um “eu”, porque sendo “à imagem e semelhança de Deus”, é tangível ao que o tetragrama sagrado [IHWH] exprime: “eu sou aquele que sou”. “Eu sou” é um fio na tecelagem da humanidade. Contém muitas matizes. Ao dizer “eu eu sou”, falamos muitas linguagens (filosofia, sociologia, psicologia, ...), e falamos do *eu singular* e do *eu plural*, os quais estão ligados entre si pelo *agape*. O *ágape* – na época pós-apostólica - veio a ser o termo técnico da refeição de confraternização com carácter litúrgico que tinham como objetivo fortalecer a união dos fiéis e sustentar os pobres. Há semelhanças do *ágape* com a ceia fraternal das reuniões religiosas judias (*haburot*): desde o A.T. que importa a unidade dos crentes e a ajuda aos pobres. No tempo de Paulo, a celebração da Eucaristia em Corinto talvez fosse precedida de *ágape*, sublinhando-se que as *ágape* tiveram importância como prática de caridade (amor assistencial) para com os pobres¹²².

Na Bíblia israelita, o *amor* aparece de diversas formas, em especial nos profetas do *amor* (como Oseias) e no Cântico dos Cânticos, com a antropologia erótica mais importante da história do Ocidente, na época, para ilustrar o *amor* de Deus pelo seu povo. Do mesmo modo, entendido como misericórdia universal, que se exprime e expande em *amor* entre os homens, falam de maneira intensa alguns livros do A.T. e de um modo mais intenso o Livro da Sabedoria. Mas só o N.T. desenvolve de modo mais evidente essa experiência e exigência criadora do *amor* (*agape*) ao elevar a exigência de forma inovadora a amar os próprios inimigos, como mostra a mensagem de Jesus e a teologia de Paulo (Rm 12-14 e 1Cor 13)¹²³.

Os termos gregos do *amor* são: *eros*, *ágape* e *philia*, como vimos. *Eros* é o desejo do homem ou a tendência para o que pode completá-lo. *Ágape* significa basicamente o *amor* desinteressado e criador, o *amor* que não se busca a si mesmo, mas que oferece a sua vida pelos outros. Só este *amor* gratuito e criador torna possível o seguimento messiânico. *Philia*, amizade. O *amor* mútuo é *agape*, como disse Jesus quando pede aos seus “que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, pois ninguém tem maior *amor* do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 12-13). Disse-lhe que se amem (com *ágape*) e fala do *ágape* como *amor* mútuo. Mas depois ao referir-se aos seus amigos chama-lhes *philoí*, atendendo a que os discípulos são “amigos seus” (*philoí mou*) se escutam e cumprem a sua palavra vivendo em *amor* (Jo 15, 14). Os homens são livres porque são amados e podem amar-se em amizade (*philia*), sendo amigos uns dos outros. Neste contexto pode falar-se do *amor* entre o Pai e o Filho (Jo 5, 20; 16, 27) e do *amor* que os homens devem ter a Jesus (1Cor 16, 22).

¹²¹ Platão, *A República*, Livro VII, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, 317.

¹²² Xabier PIKAZA, “amor“ in *Diccionario de la Biblia – Historia y Palabra*, editorial verbo divino, 2007, 52

¹²³ *Ibidem*.

1Cor 13

O *amor* constitui o tema central do N.T. que podemos interpretar como revelação do ser Deus em Cristo: “Tanto amou Deus o mundo que lhe deu o seu Filho Primogénito para que não se perca, mas que tenha a vida eterna” (Jo 3, 13-17). Tratar do *amor* é tratar de todo o N.T., partindo do Sermão da Montanha (Mt 5-7; Lc 6, 20-45) até ao Apocalipse (Ap 21-22).

1. O *amor* é o maior, o mais forte¹²⁴. Mas também o mais frágil, de maneira que pode converter-se em princípio de engano. Nessa linha, na primeira parte do seu canto de *amor* (1Cor 13, 1) Paulo desenvolve três possíveis enganos de um *amor* aparente, que toma em igreja “formas de bondade”, tal como o *amor* de grandeza para enganar melhor os homens. A) *Se falasse as línguas dos homens e dos anjos*. A primeira ideologia ou falsidade do *amor* está vinculada a uma perfeição mística, que se autodeclara importante, mas que é só palavra vazia, própria daqueles que dizem conhecer e falar a língua dos homens (no plano do mundo) e dos anjos (no plano da perfeição espiritual), mas sem amar os demais. B) *e senão tivesse profecia*. Possivelmente, esta segunda unidade tratava, em princípio, só de profecia, pois dela e das línguas em igreja se ocupa todo o capítulo seguinte da carta (1Cor 14), mas o texto atual distingue e vincula profecia, gnosis e fé possessiva. A profecia, especialmente nos apocalípticos (como nos livros de Daniel) está repleta de visões e de revelações, de tal forma que, nos tempos de Jesus, se tomava os profetas como videntes que penetravam nos mistérios (do fim dos tempos) e na gnosis (conhecimento de Deus escondido). Pois bem, Paulo considera-se vidente e gnóstico, pois viu Jesus ressuscitado (cf. 1Cor 15, 3-7) e foi levado ao terceiro céu, de onde contemplou e escutou coisas indizíveis (2Cor 2, 1-11). Mas, ao mesmo tempo, sabe que uma visão sem *amor* é nada ou menos que nada, é mentira. C) *E se repartisse todos os meus bens...* (1Cor 13, 3). Das línguas (mística) e da profecia (visões, gnosis, milagres) passamos ao nível da comunicação económico-pessoal. O simples “dar” material não é suficiente, como matiza, por exemplo, o relato das tentações de Jesus (Mt 4; Lc 4). Nessa linha situa-se esta passagem, quando fala de um engano dos que só dão dinheiro, pois buscam-se a si mesmos ao fazê-lo, e de um engano de martírio daqueles que convertem a sua entrega num meio de imposição sobre os outros. Este é o lugar da patologia do *amor*, o lugar do engano supremo dos que parecem empregar meios melhores e mais desprendidos para impor-se sobre os outros.

¹²⁴ Xabier PIKAZA, “amor 2 Pablo” in *Diccionario de la Biblia – Historia y Palabra*, editorial verbo divino, 2007, 52

2. *Qualidades do amor*¹²⁵. Contra as falácias (1Cor 13, 1-3), eleva um canto ao *amor* (ágape), como experiência de gratuidade e comunhão de Deus que vincula os homens de um modo interior (na comunidade eclesial) e exterior (em abertura aos outros). Paulo não fala aqui de um poder de unidade erótico-filosófica (como Platão em seu Banquete), nem da vinculação legal de um grupo (como num certo judaísmo), mas da experiência radical de Deus na vida dos homens que se amam simplesmente como humanos.

3. *Permanência do amor*¹²⁶. O canto de 1Cor 13, 4-7 terminava dizendo que o *amor* cobre tudo (como telhado firme que cobre o que está sob o seu amparo) e permanece sempre (porque tem o poder da paciência duradoura). A nova passagem (1Cor 13, 8-13) retoma esse motivo, para desenvolvê-lo de um modo clarificador. Por isso começa com uma frase programática, que condensa o anterior e inicia o que segue: o *amor* nunca cai (1Cor 13, 8). A) *Da profecia imperfeita ao conhecimento pleno*. A profecia desaparecerá, as línguas cessarão, a *gnosis* desaparecerá. Pois só conhecemos em parte e em parte profetizamos; mas quando chegar o perfeito desaparecerá o que é parcial (1Cor 13, 8-10). Dom das línguas, *gnosis* e profecia expressam um conhecimento inicial e parcial, são signo de um mundo avaliador que busca a plenitude. Pois bem, essa perfeição, a que aspira o cosmos (cf. Rm 8, 8-25) identifica-se no fundo com o *amor*; por isso, quando chegar o *amor pleno*, cessará todo o restante. B) *A criança e o adulto*. ”Quando era criança falava como criança, sentia como criança, pensava como criança. Mas quando me fiz adulto abandonei o que era de criança.” (1Cor 13, 11). Os evangelhos sinópticos deram à criança um valor e estatuto religiosos, fazendo-o sinal do reino de Deus (cf. Mc 9, 33-37; 10, 13-16). Paulo, ao contrário, vê-o aqui de outra maneira: a criança é herdeira de bens do pai, O *amor* tem um rosto, que podemos contemplar ao olhar para os seguintes traços:

Hino ao amor (1Cor 13, 4-8)

O amor é paciente

é prestável

o amor não é invejoso

nem orgulhoso

¹²⁵ Xabier PIKAZA, “amor“ in *Diccionario de la Biblia – Historia y Palabra*, editorial verbo divino, 2007, 53.

*nada faz de inconveniente
não procura seu próprio interesse
não se irrita
nem guarda ressentimento
Não se alegra com a injustiça
mas rejubila com a verdade
Tudo desculpa
tudo crê
tudo espera
tudo suporta*

Estes são os traços da fisionomia de Jesus.

Paulo disse em 1Cor 12, 31b “mostrar-lhes-ei um caminho”. Não há outro caminho senão Jesus. Foi Jesus que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6).

O *amor* entre o Pai e o Filho é o paradigma do *amor* cristão.

O *amor* é interminável porque continua até à eternidade, isto é, até o reino de Deus se realizar em plenitude, e, então, o *amor* tornar-se-á a característica principal de todas as relações.

No porvir, amaremos como as pessoas trinitárias se amam. Assim, amaremos na perfeição. O *amor ágape* é entrega de si ao outro, na reciprocidade. Quando nos libertamos do pecado, para emergir da Trindade como espaço do *drama*, vivemos a vida intratrinitária, isto é, a vida de *amor*.

¹²⁶ *Ibidem*, 55.

Bibliografia

1. Fontes

BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, in

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html, visualizado em 14.jul.2014 21:15

Bíblia on-line, in <http://www.capuchinhos.org/biblia/>

Mapa de Corinto in <http://historiaebiblia.blogspot.pt/2010/08/de-corinto-ao-corinthians.html>, visualizado em 14.jul.2014 21:05

Novo Testamento Interlinear Grego-Português, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004

2. Obras:

BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerard (Eds), *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento, I*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1996

BUBER, Martin, *La vie en dialogue*, Aubier, Éditions Montaigne, Paris, 1959

CARREZ, Maurice, *A Primeira Carta aos Coríntios*, Ed. Difusora Bíblica, Lisboa

COLLANGE, J. F., *De Jesus a Paul*, Labor et Fides, Geneve, 1980

FRANKL, Viktor E., *El hombre en busca de sentido*, Ed. Herder, Barcelona, 1994

FROMM, Erich, *A arte de amar*, Ed. Pergaminho, Cascais, 2005

FROMM, Erich, *Ter ou ser?*, Editorial Presença, Barcarena, 2002

- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN Ralph P. e REID Daniel G., *Dicionário de Paulo e suas Cartas*, Ed. Vida Nova, Ed. Paulus e Ed. Loyola, São Paulo, 2008
- KITTEL, Gerhard (org.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1965
- MOFFATT, James, *Paul to the Corinthians*, Ed. Camelot, London, 1951
- OSTY, Chanoine E.(traduites par le), *Les Epitres de Saint Paul aux Corinthiens*, 4a ed., Ed. Cerf, Paris, 1964
- PIKAZA, Xabier, *Diccionario de la Biblia – Historia y Palabra*, editorial verbo divino, 2007
- PLATÃO, *A Republica: Livro VII*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1973
- POTTERIE, I. de la e LYONNET S., *La vie selon l'Esprit*, Ed. Cerf, Paris, 1965
- SCHNACKENBURG, R., *Le Message Moral du Nouveau Testament*, Editions Xavier Mappus, Le Puy-Lyon-Paris, 1963
- SIMON, W.G.H., *The First Epistle to the Corinthians*, S C M Press, London, 1965
- SPICQ, C., *Théologie Moral du Nouveau Testament*, Editeurs J. Gabalda et Cie, 1970
- ROBERTSON, Archibald e PLUMMER, Alfred, *A Critical and Exegetical Commentary of St. Paul to the Corinthians*, 2ª ed, T & T Clark, Edinburg, 1950
- ROGERS, Carl, *Le développement de la personne*, Ed. Dunod, Paris, 1967
- Van Den DRIESSCHE, Thibault, *L'Alterité, fondement de la personne humaine dans l'oeuvre d'Edith Stein*, Uitgeverij Peeters, Leuven, 2008
- VERDES, Lorenzo Alvarez, *Caminar en el espíritu*, Editiones Academiae Alphonsonianae, Roma, 2000
- WENDLAND, Heinz-Dietrich, *Etica del Nuovo Testamento*, Paideia Editrice, Brescia, 1975